

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciência Humanas

Curso de Licenciatura em História



Trabalho de Conclusão de Curso

O Combate do Passo do Mendonça na Revolta de 1923:

Uma abordagem entre a História e a Memória.

Marcelo da Silva Valerão

Pelotas, 2022

Marcelo da Silva Valerão

O Combate do Passo do Mendonça na Revolta de 1923:

Uma abordagem entre a História e a Memória.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Profº Dr. Jonas Moreira Vargas

Pelotas, 2022

V162c Valerão, Marcelo da Silva

O Combate do Passo do Mendonça na Revolta de 1923:
uma abordagem entre a história e a memória / Marcelo da Silva
Valerão; Jonas Moreira Vargas, orientador. — Pelotas, 2022.

52 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História)
— Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de
Pelotas, 2022.

1. Primeira república. 2. Borges de Medeiros. 3. Memória. I.
Vargas, Jonas Moreira, orient. II. Título.

CDD: 981.05

O Combate do Passo do Mendonça na Revolta de 1923:
Uma abordagem entre a História e a Memória.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas (Orientador)
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Uma singela homenagem
aos meus pais que iniciaram a jornada acadêmica
junto a mim e por forças do universo não
verão eu a concluir. Júlio Aldrovando Valerão e
Maria Faustina da Silva Valerão (in memoriam).

Agradecimentos

Meu agradecimento será de forma diferente, antes de citar pessoas vou citar uma instituição, a UFPel, e em especial o ICH (Instituto de Ciências Humanas), me considero parte viva dessa instituição, foram 15 anos de idas e vindas que literalmente desde o 09/04/2007, quando pela primeira vez pisei no prédio do ICH, a relação Instituição e aluno se fundiram e o ICH se tornou parte de minha vida. Aulas com professores que não estão mais entre nós na forma física como a professora Beatriz Loner quando em 2009 ministrava a disciplina de Brasil I, ou em 2008 com o professor Mário Osório Magalhães ao qual Pelotas não seria Pelotas como a conhecemos sem suas obras na disciplina optativa História de Pelotas tive a honra de ter, ou pessoas como a saudosa Nanci a qual sempre atendia com muito carinho e atenção. Também cito um outro local que fez parte de debates regados a boa e velha cerveja de garrafa mais barata, este agradecimento vai “in memoriam” ao dono “Seu Zé” do bar homônimo. Nesta década e meia fica aqui o agradecimento a paredes e tijolos onde guardam memórias eternas de pessoas e histórias.

Seguindo os agradecimentos, pela emergência, quando escrevo essa palavra é literal, já que precisava da colação de grau para manter o emprego agradeço ao meu orientador, Jonas Vargas. Ao qual conheci nas aulas de História do Brasil II e por seu conhecimento dentro do tema que eu havia pesquisado me auxiliou muito, como pessoa o professor é um “ser” ímpar por excelência, se todos professores do ensino público dos estados e dos cursos superiores fossem como o professor Jonas é em trato com seus alunos a educação estaria em ótimos rumos. Agradeço também a Fernanda do colegiado de História, uma pessoa que não mede esforços para nos ajudar, tinha uma paciência comigo que carregarei ternamente em minha memória.

E por último para o trabalho não se tornar uma dissertação só de agradecimentos, serei sempre grato a minha família Bethiele Olson Valerão minha esposa e meu irmão Claro Antônio da Silva Valerão, uma família é feita com laços de sangue ou de emoções e se traduzem simplesmente com essa visão; aqueles que tu te sente bem, que te ajudam te confortam ou simplesmente te dizem: “Vai e faz, tu consegue” coisas assim as que tenho grande gratidão. Aos meus poucos, mas sinceros amigos que no pó do combate se “escoram” do teu lado e dizem: “estamos aqui”. Meu Muito obrigado de coração

Resumo

*“Lá de trás daquele Cerro
Passa boi, passa boiada
Também passa o Zeca Netto
Repontando a Chimangada¹*

¹ Quadrinha popular da Revolta de 1923, ouvida por mim em tempos de guri nos galpões da existência quando meu “finado” papai contava os causos da “Revolução”. Na quadrinha popular se relaciona a memória e história, visto que “chimangada” se refere aos partidários de Borges de Medeiros, satirizado no poema de Ramiro Barcellos do ano de 1915 e intitulado Antônio Chimango”.

Resumo

VALERÃO, Marcelo da Silva. **O Combate do Passo do Mendonça na Revolta de 1923**: Uma abordagem entre a História e a Memória. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

O presente trabalho visa abordar um combate na região sul do estado do Rio Grande do Sul durante o período da Primeira República que foi de 1889 á 1930, fazendo uma analogia entre a historiografia e a memória local. Este combate ocorreu entre o Rio Camaquã e o Arroio Evaristo, onde hoje é a cidade de Cristal, e tem como ponto de referência atual o paradoro “Grill”. O contexto histórico ao qual se deu foi quando houve um dos últimos levantes armados no estado, no ano de 1923, e sua data de ocorrência foi no dia 17 de Abril de 1923, com duração de oito à dez horas ininterruptas. Trata-se de um confronto entre forças revoltosas que eram contrárias a reeleição do então presidente do estado Antônio Augusto Borges de Medeiros e atuaram na região sul e centro sul do estado sob o comando de José Antônio Netto, conhecido popularmente como “Zeca Netto” e tinham a alcunha de 4ª Divisão Libertadora. Logo, o trabalho aborda as fontes históricas que são escassas em relação a atuação dessa força oposta ao governo dentro da Revolta de 1923 a qual sua duração foi de onze meses e conseguiu em parte seu objetivo que foi o de que Borges de Medeiros não se candidataria mais a presidência do estado. A analogia entre memória e história ocorre através do resgate de histórias transmitidas por gerações dos locais de como era contado o “Combate do Mendonça”, ou “O combate do Zeca Netto” e a pesquisa historiográfica com fontes e bibliografias que abordam tal fato, criando um laço entre a memória e a história.

Palavras-chaves: Primeira República, Borges de Medeiros, Zeca Netto, Memória.

Abstract

VALERÃO, Marcelo da Silva. The Combat of Passo do Mendonça in the Revolt of 1923: An approach between History and Memory, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

The present work aims to approach a combat in the southern region of the state of Rio Grande do Sul during the period of the First Republic that was from 1889 to 1930, making an analogy between historiography and local memory. This battle took place between the Camaquã River and the Evaristo Arroio, where the city of Cristal is now located, and has as its current reference point the “Grill” stop. The historical context in which it took place was when there was one of the last armed uprisings in the state, in 1923, and its date of occurrence was on April 17, 1923, lasting from eight to ten uninterrupted hours. It is a confrontation between revolting forces that were against the reelection of the then president of the state Antônio Augusto Borges de Medeiros and acted in the south and center south of the state under the command of José Antônio Netto, popularly known as “Zeca Netto” and were nicknamed the 4th Liberation Division. Therefore, the work addresses the historical sources that are scarce in relation to the performance of this force opposed to the government within the 1923 Revolt, which lasted eleven months and partially achieved its objective, which was that Borges de Medeiros would not run for office. plus the state presidency. The analogy between memory and history occurs through the rescue of stories transmitted by generations of the places of how the "Combate do Mendonça", or "O Combate do Zeca Netto" was told and the historiographical research with sources and bibliographies that approach this fact, creating a link between memory and history.

Keywords: First Republic, Borges de Medeiros, Zeca Netto, Memory.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	111
2. HISTÓRIA ORAL E A REVOLTA DE 1923.....	16
2.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA; A HISTÓRIA ORAL (HO).	166
2.2 A REVOLTA DE 1923 NO CONTEXTO DA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	199
3. O COMBATE DO PASSO DO MENDONÇA ATRAVÉS DAS FONTES HISTÓRICAS.....	266
3.1. AS MEMÓRIAS DO COMBATE DO PASSO DO MENDONÇA.....	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
5. FONTES ORAIS.....	49
6. FONTES PRIMÁRIAS:	500
7. REFERÊNCIAS	511

1. Introdução.

O presente tema pesquisado para a monografia de conclusão de curso tem uma história bem interessante. Era 2013 o fatídico ano em que o Brasil foi agitado com inúmeras passeatas dignas de uma análise mais profunda, quando ecoou pelos quatro cantos do país frases que retumbam em nossa memória recente: “O gigante acordou” ou “não é só pelos vinte centavos”, sendo que amarguramos hoje aquela semente plantada. Pois bem, a vida acadêmica requer disciplina e pontualidade e no ano citado não teria como ter pontualidade para concluir o curso de Licenciatura em História devido há fatores profissionais², sendo a melhor escolha adiar essa etapa acadêmica. Contudo acabei escrevendo e publicando uma obra que aborda o tema pesquisado, dentro das normas vigentes (ficha catalográfica, ISBN). Portanto, queria fazer um trabalho e foi feito de forma séria surgindo a obra *Libertadores e Legalistas; A história do Combate do Passo do Mendonça na Revolta de 1923*³.

Digamos que sou um aluno professor com mais de uma década de experiência⁴ em sala de aula, só que faltava o título acadêmico o qual certificaria minha profissão e desse modo sempre no meu psicológico havia um débito o qual deveria ser preenchido para que a ética prevalecesse, e digo de forma sincera é bem exaustivo se sentir uma fraude por não ter concluído o curso. Seguindo a ideia mais complexa que é escrever um livro precisaria de mais fontes e biografias. E dessa forma utilizei como metodologia a História Oral (HO), que transforma os depoimentos de pessoas em fontes e documentos para estudar a história. No caso é a memória da pessoa que se torna um documento. Dentro dessa empreitada o maior obstáculo foi encontrar pessoas que tivessem histórias sobre meu tema, pois tinha como certeza não havia mais pessoas vivas para entrevistar que de fato estiveram envolvidas no Combate do Passo do Mendonça. Logo de início comecei a organizar entrevistas no final de 2013, já 90 anos transcorridos após tal ocorrido. Nessas entrevistas percorri cerca de 12 cidades de nossa região sul e centro sul do estado, incluindo a capital Porto Alegre, cidade a qual fui quase uma dezena de vezes nos museus da Brigada Militar, IHGRGS⁵ e Arquivo Histórico do estado. Um desses motivos era que haviam poucas fontes históricas e bibliografias que abordassem o tema singularmente e não apenas como notas pequenas em obras mais abrangentes sobre a revolta de 1923.

² Trabalho 40h. em uma escola pública de minha cidade á cerca de 100km da Universidade.

³ *Libertadores e legalistas: a história do combate do passo do Mendonça da revolta de 1923* / Marcelo Valerão. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2021. ISBN-978-65-5909-075-4

⁴ A escola em que trabalho é o colégio estadual Bento Gonçalves da Silva na cidade de Cristal, fui aluno no ensin o fundamental e médio, posterior fiz meu estágio e consegui um contrato através da CRE, onde trabalho como re gente de classe desde 22/04/2010. Com turmas do sexto ano ao terceiro ano.

⁵ Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Com isso fiz o recolhimento através de vídeos e anotações de parentes dos envolvidos, de familiares dos moradores que ainda viviam no local do Combate e das cidades as quais as forças revoltosas e governamentais percorreram até o dia em questão. Desse ponto foi iniciada a minha “investigação” por cidades vizinhas da nossa região delimitando sempre o tema abordado com outros nomes. Também foi um resgate histórico, poucos sabiam de tal feito e o mais conhecido nome citado e que lembrava aos entrevistados foi o de José Antônio de Mattos Souza Netto (Jaguarão, 1854/Camaquã, 1948), vulgo e popular Zeca Netto⁶, representante das tradicionais oligarquias bem conhecidas no período da Primeira República. Era o maior proprietário de terras da região Centro-sul do estado e liderança política indiscutível na cidade de Camaquã, típico representante do Coronelismo.

Antes de tudo gostaria de compartilhar o primeiro contato com o tema, ocorrido através de minha família, conforme cito na obra escrita: ouvindo relatos sentado ao redor de um fogo nas noites longas de inverno, ou a sombra de um “Sinamão” que ainda está em pé na frente de nossa casa datada de 1896. Os meus “finados” pai e tio que eram nascidos na década de 1920 contavam as “pelejas” envolvendo meu avô, natural do Uruguai e fixando família na “costa do Rio Camaquã” por volta de 1915. Sendo na época essa região divisa entre três municípios: Camaquã, Encruzilhada do Sul e Canguçu. Ficava fascinado com aquelas histórias. Sou de uma geração que ouvia e viajava pelos detalhes ricos de uma verdadeira obra de arte que é a de contador de histórias, muito comum antes das tecnologias que nos cercam e estando hoje em vias de extinção. Jamais iria imaginar que tal combate acontecido era apenas um episódio de algo que representava muito mais na nossa história nacional e geral. Hoje procuro não perder meu encanto por essas memórias de infância. Foram elas que me fizeram como sou e hoje como, futuro historiador, me aprofundar mais em temas que antes eram apenas “histórias”. Acredito que partindo disso já tinha o contato com História Oral mesmo sem saber, pela forma de como fui criado, sempre ao redor de reuniões políticas com meu “finado pai” que era político atuante no município de Canguçu, escutando “os casos” dos mais velhos. Uma figura fraternal a qual guardo em minha memória meu tio Augustinho Hermes da Silva Valerão um desses tantos anônimos em nosso mundo com uma riqueza humana excepcional. Isso foi o ponto crucial que me fez escolher o curso ao qual estou ligado.

⁶ Zeca Netto era sobrinho do general farrapo Antônio de Souza Netto, conhecido por General Netto e um dos que levou a frente a revolta do período Regencial no Brasil a ser a mais duradoura e penosa.

Entretanto, entender uma política voltada ao voto a cabresto, a um curral eleitoral me deu uma outra visão, mais historiográfica sobre meu avô ao entender que pertencia a um corpo de provisórios⁷ a mando do presidente do estado Borges de Medeiros e como tal estava acima da lei podendo cometer crime capital ao inimigo. Ao lutar nas forças de Francelísio Meireles e ter destaque na Revolta de 1923, ganhou o cargo de comissário de polícia aqui na região e como tal representante do PRR⁸. Sua função era de ser mediador de pequenos conflitos e coletor oficial nessa parte do município de Canguçu do dinheiro dos contribuintes e partidários do PRR, ou seja, ele encilhava seu cavalo, levava cerca de um dia e meio de viagem e entregava na prefeitura os recursos obtidos. Isso mudou com a chegada de Getúlio Vargas ao poder do estado em 1928, quando meu avô perdeu seu cargo indicado, costumes comuns da política e mudou de profissão, se tornando tropeiro para a quase extinta Charqueada da família Moreira o frigorífico Anglo de Pelotas e algumas charqueadas que teimavam em existir na cidade de Guaíba.

Enfim, como se percebe minha grande ligação com o Combate do Passo⁹ do Mendonça ao qual dediquei muito tempo recolhendo fontes que comprovassem a união entre a memória e a história, já que o campo da historiografia é um campo de disputas, onde se hoje provamos algo ou criamos uma tese no amanhã essa tese pode ser corroborada com mais detalhes ou refutada através de outras interpretações que se municiem em novas descobertas. Não estou aqui falando de um artifício usado por pessoas inescrupulosas que é o negacionismo histórico ou o revisionismo histórico, mas sim no sentido da aceitação da História Oral (HO) como fonte para pesquisa, e que por muito tempo foi vista com olhares indiferentes e duvidosos dentro da Academia.

No sentido histórico é explicar os antecedentes que levaram o Rio Grande do Sul a mais um conflito bélico que foi erroneamente chamado de “Revolução de 1923”¹⁰. Podemos dizer que a Revolta de 1923 no RS foi um movimento que estava em sintonia com acontecimentos globais, como o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), disputas

⁷ Os corpos de provisórios não seguiam um estatuto militar como os corpos de soldados da Brigada.

⁸ Partido Republicano Rio-grandense: o partido fundado por Júlio de Castilhos em 1882, logo seu sucessor Borges de Medeiros seguiu a frente como mandatário até 1928. Era um dos mais fortes partidos da República Velha, só se igualava em poder o PRP, Partido Republicano Paulista.

⁹ Passo, vai de um rio que provem do castelhano essa palavra.

¹⁰ Referencia de pesquisa do autor:

O termo histórico correto é Revolta de 1923, uma vez que todos acontecimentos armados no nosso estado tinham a alcunha de Revolução, porem dentro da historiografia o conceito moderno da palavra revolução surgiu com base em alguns princípios: a ideia de aceleração do tempo, a finalidade social dos movimentos políticos, o caráter universal e de permanência, o surgimento do novo e do inédito consequentemente, a rejeição ao passado como valor. (SILVA, R. O. Revolução, história e tempo. Revista História: Debates e Tendências, 2015 (p.p.252-268).

características da Primeira República (1889-1930) e ainda conceitos Antropológico da nossa formação regional. Este último aspecto é citado por que o lugar hoje conhecido como Rio Grande do Sul nasceu com a guerra; de uma forma mais superficial tivemos aqui as primeiras disputas contra indígenas, logo contra espanhóis e posteriormente o termo genérico “Castelhanos” dos países platinos, e no período do Brasil Império quando não se lutava entre si (Revoltas Regenciais), se lutava contra algum inimigo exterior (FAGUNDES, A.A. 1997). Isso criou uma elite voltada para a guerra e como tínhamos um excedente de cavalaria nenhum dos envolvidos iria se “humilhar” lutando na Infantaria. Entre as regiões do nosso estado iremos focar mais na que caracteristicamente desde o início da colonização oficial portuguesa (1737), era palco de disputas entre Portugal e Espanha e compreende a fronteira com o Uruguai e a parte lacustre da Laguna dos Patos, hoje conhecida como Zona Sul e Centro-Sul do RS, onde há vestígios de conflitos datados desde o séc. XVIII.

Com tantos conflitos, gosto de brincar que aqui tivemos nosso período “entre-guerras”, ou período “entre-revoltas”, uma vez que a primeira Revolta aconteceu em 1893/95, sendo conhecida como “Revolução Federalista”, logo a segunda apenas 30 anos depois em 1923 e esse tempo não “cura” feridas abertas ele, apenas as cicatriza ou aprofunda mais os ódios. Vejamos que características comuns durante aquele primeiro conflito considerado um dos mais sangrentos na história da nascente República Brasileira. Continuava ainda presente no estado, uma vez que o governo era uma extensão do primeiro, com força bem mais autoritária e com isso não havia mudado muito o ódio e rivalidade entre as Oligarquias. Houve algumas dissidências do PRR, ou melhor dizendo da figura líder do partido que era Júlio de Castilhos o presidente do estado durante a guerra civil de 1893 á 1895, mas não aceitavam bem seu sucessor Borges de Medeiros ao qual enfrentou a revolta de 1923, sendo que um desses dissidentes foi José de Mattos Souza Netto o Zeca Netto.



(Figura 01): general Netto, 1803-1866



(Figura 02): Seu sobrinho Zeca Netto, 1854-1948

Zeca Netto era de família latifundiária que tinha terras no Uruguai e na região do município de Camaquã. Sua família teve figuras envolvidas nas mais diversas guerras no RS. Era filho de Florisbello de Souza Netto, e este irmão de Antônio de Souza Netto, o General Netto, que proclamou em 11 de setembro de 1836 a separação da então província de São Pedro do Rio Grande do Sul do império brasileiro no período regencial (1831-1840) conhecida como guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha (1835-1845). Zeca Netto no município de Camaquã, região centro sul do estado exerceu forte influência política e militar posterior a guerra civil de 1893/95, alçando o cargo de delegado de polícia, logo a patente de Tenente Coronel e posteriormente intendente¹¹ da cidade no período em que foi partidário de Júlio de Castilhos, defendendo os interesses deste na região. Também precursor da lavoura arroseira mecanizada nas planícies da Laguna dos Patos importando na década de 1910 dos primeiros tratores aqui existentes e “locomóveis” a vapor para beneficiamento do arroz. Deixou como herdeiro político seu neto José Cândido de Godoy Netto, prefeito por três vezes em Camaquã e também um dos que no período da Campanha da Legalidade em 1961¹² foi a favor da rede da Legalidade para ser cumprida a constituição. Logo, se vê que o curral eleitoral da família Souza Netto era a região centro sul do estado.

Também, cabe destacar seus oponentes que perseguiram ele pela região, Tem. Cel. do 4º Corpo de provisórios Francelísio Gonçalves Meirelles, natural de Encruzilhada do Sul, Ten. Cel. do 1º Corpo de provisórios de Pelotas, José Lucas Martins natural de Bagé, não se sabendo ao certo sua origem, Tem. Cel. do 2º Corpo de provisórios de Canguçu Hipólito Ribeiro Filho, natural de Canguçu e o Coronel da 3ª Brigada Militar da Região sul, Juvêncio Maximiliano Lemos natural também de Canguçu.

¹¹ Intendente era sinônimo de prefeito, só que durante alguns períodos não era eleito pelo voto e sim indicado pelo presidente do estado. Caso fosse uma indicação direta era chamado de interventor.

¹² Foi quando uma tentativa de golpe evitando a posse do vice presidente João Goulart para presidente, sendo que o presidente Jânio Quadros havia renunciado. Com isso seu cunhado Leonel Brizola, governador do RS fez um levante popular e armado para garantir a legalidade da Constituição de 1946, com a posse do vice, mesmo se sendo de outro partido

2– História Oral e a Revolta de 1923

2.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA A HISTÓRIA ORAL (HO).

Através da pesquisa sobre o tema abordado, e que foram utilizadas entrevistas para complementar sua elaboração, era preciso lapidar o seu contexto, ou seja, colocar de modo que houvesse um ponto de partida para uma confrontação e complementação entre as fontes historiográficas e as entrevistas. Para isso foi preciso conhecer um pouco da metodologia e da trajetória da História Oral (HO) dentro da Acadêmia. Viemos de um mundo de memórias, e a memória para a historiografia, por muito tempo não foi tida como uma fonte, sendo usada de forma bem discreta e ainda com bases bastante teóricas, conforme Garcia (2013) cita:

O estudo da memória emerge de outras ciências que não a histórica. Primeiramente ela surge dentro da Antropologia e da Sociologia, para após isso, a História se apropriar dos conceitos e adentrar ao campo mnêmico. Atualmente, para nós historiadores, o interesse pela memória emerge para além daquilo que é lembrado; atualmente o interesse está em como a memória surge, em saber qual a origem dela e qual a sua relação dentro da História. Logo, temos mais interesse pela origem da memória do que nas lembranças em si. De acordo com Alistair Thomson, é importante compreender, primeiramente, o “afloramento de lembranças” (THOMSON. 1997, pp. 51). Esse é um campo importante e que é, atualmente, aquilo que tem chamado a atenção de historiadores contemporâneos.¹³

Nesse sentido, a memória é uma fonte essencial para quando pesquisamos temas mais recentes no campo da Historiografia. Logo, mesmo não partindo essencialmente da Ciência História, parte da premissa que tudo aquilo que foi escrito e hoje é fonte ou bibliografia tem seu início dentro da memória. “Claro que o campo mnemônico é considerado um campo com margens de erros, uma vez que é de pessoas que falamos com suas memórias que através do tempo podem ser falhas ou não, sendo um fator biológico” (PORTELLI, A., & FENÉLON, D. R. 1997). Como em todo estudo no campo da História Oral deve ter uma metodologia e essa metodologia que foi usada, mesmo que de forma amadora, porem com ética e respeito aos entrevistados para colher e transcrever aquilo que era de interesse dentro do tema pesquisado. Logo, nós estudantes de História da Universidade Federal de Pelotas temos uma grande honra da nossa instituição por ter um

¹³ Referencia de pesquisa do autor:

(DA SILVA GARCIA, Bruna. MEMÓRIA E HISTÓRIA: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA, 2013, p.1362)

dos laboratórios mais antigos do Brasil voltado a História Oral o LaHO¹⁴ Ufpel:

Os documentos mais antigos do LaHO são fitas cassete e entrevistas manuscritas que datam de 1992, oriundos de projetos da Prof.^a Dr.^a Beatriz Loner, antes mesmo da criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994, o que reafirma o papel precursor do NDH no trabalho com esta metodologia. (Gill, Lorena de Almeida e Silva, Eduarda Borges da. Ufpel, (p.10)

A metodologia utilizada para elaboração do trabalho é a História Oral Temática, onde o diálogo gira em torno de um tema específico. Desse modo como o objeto de pesquisa era um tema delimitado foi usado o cruzamento das entrevistas com pessoas que tinham algum grau de conhecimento ou parentesco com os envolvidos acerca do tema pesquisado e juntamente feito uma análise das fontes da época e da bibliografia existente que abordavam o tema. Corroborando aquilo que é a metodologia em História oral:

Na História Oral Temática (HOT) o diálogo gira em torno de um tema (o da pesquisa). As perguntas não principiam desde a infância do narrador, como na HOV, a menos que esta questão tenha importância para o tema pesquisado. O roteiro básico tem um papel fundamental e deve ser bem planejado e elaborado para abordar com amplitude e profundidade o objeto-problema. “A hipótese de trabalho nesse ramo da história oral é testada com insistência e o recorte do tema deve ficar explícito de tal maneira que conste das perguntas a serem feitas ao colaborador” (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 39). Na análise desta, há um apreço pelo confronto de versões, já que se necessita de, pelo menos, alguns entrevistados para abarcar o assunto. (Gill e Borges, p.10)

O tema pesquisado, como era um Combate que aconteceu há quase um século tinha falhas da memória coletiva dos entrevistados. Essas falhas citadas são partes importantes da oralidade “[...] até mesmo erros, invenções e mentiras constituem, à sua maneira, áreas onde se encontra a verdade” (PORTELLI, p. 25), (GILL e BORGES, p.06). Por esse motivo, poderiam os entrevistados errarem nomes, datas ou até narrarem acontecimentos fantasiosos, mas de uma forma ou outra sempre somavam acerca ao objeto pesquisado.

E é nesse ponto que Memória e a História confluem em um mesmo caminho, por complementar uma a outra. Em que acontecimentos verídicos com o passar do tempo se enraízam e tornam culturais e através dessa premissa o campo das Ciências Humanas, como História e Antropologia se enriquecem e criam desafios para si, já que tais desafios são a base do saber.

¹⁴ Laboratório de História Oral.

Vejamos aqui a quadrinha popular escrita no início do trabalho de pesquisa:

“Lá de trás daquele serro
Passa boi passa boiada
Também passa o Zeca Netto
Repontando a chimangada”

Essa quadrinha ou verso popular era cantado de forma setilhada¹⁵, na época também dessa forma:

“Lá de trás daquele cerro
Passa boi, passa boiada
Também passa o Zeca Netto
No seu cavalo tordilho
Com o toso¹⁶ a cogotilho¹⁷.
Repontando a chimangada
Como tropa de novilho.”

De autoria anônima, acredita-se posterior a Revolta de 1923, como muitas formas de se cantar trazidas da Europa e adaptadas aqui é extensamente utilizada das mais diversas variantes no Brasil, e se nota que para os cantores e pessoas comuns que a conhecem, mas não sabem o significado muitas vezes historiográficos que as compõem. Estas quadrinhas quando cantadas e transmitidas por gerações, constroem a história oral, e as fazem com que sejam mantidas certas características historiográficas, tornando parte do universo cultural e folclórico. Quando interpretamos ela por um olhar historiográfico, identificamos a Revolta de 1923, localizamos os opositores de Borges de Medeiros e mais profundamente analisamos um livro que “batizou” a forma pejorativa de se chamar os partidários do governo Borges de Medeiros “Chimangos”, este livro escrito em 1915 ao qual hoje é comum encontra-lo em livrarias e “sebos”¹⁸ na época era a oposição aberta e perigosa na forma de se expor ao governo vigente. O livro citado se refere à palavra “Chimangada” ao qual o jornalista Ramiro Barcellos, sob o pseudônimo de Amaro Juvenal publicou “Antônio Chimango” satirizando o governo de Antônio Augusto Borges de Medeiros.

¹⁵ Sete linhas o “verso”

¹⁶ Corte das crinas do cavalo

¹⁷ Referente ao pescoço do equino

¹⁸ Local de comércio de livros usados.

2.2 A REVOLTA DE 1923 NO CONTEXTO DA PRIMEIRA REPÚBLICA

Abordaremos o contexto histórico ao qual ocorreu o objeto de pesquisa (Combate do Passo do Mendonça) a ser dissertado. O ano era 1923, período da Primeira República Brasileira que foi de 1889 á 1930, uma vez que será dissertado do olhar local para o geral. Esse período é conhecido por vários nomes; República Velha 1889 á 1930, República das Espadas (1889-1896), República das Oligarquias (1889-1930), República do Café com Leite (a partir do primeiro presidente civil Prudente de Moraes em 1896), enfim, é como se estuda e pesquisa esse momento em nossa história para compreende-lo ou interpreta-lo melhor, com aspectos similares e um fator em comum; as Oligarquias regionais civis, que em sua maioria das vezes recebiam títulos do exército como também ficou conhecido esse período como o Coronelismo. Desse modo de acordo com Bóris Fausto:

“[...] a maior prova que as elites civis triunfaram é a constituição republicana que foi aprovada em 1891, que era o modelo da República Federativa: isto é o Brasil ficava dividido em vários estados e reunido numa Federação desses estados [...]”¹⁹

Desse modo, cada estado tinha a liberdade de criar sua própria Constituição e o Rio Grande do Sul não estava fora desse contexto. Aqui tivemos um singular aspecto que se chamava positivismo²⁰ ao qual o presidente do estado Júlio de Castilhos (1860-1903) e sua Constituição Estadual de 14 de julho de 1891 criada a partir de um modelo autocrático e centralizador, seguia as diretrizes científicas do positivismo, e tal doutrina estava a pleno vapor em vários segmentos das elites, principalmente as que iam a Europa e vinham com ideias novas para por em prática aqui na América. A constituição Castilhista, como ficou conhecida na época era muito além de seu tempo, batendo de frente com os interesses das velhas elites pecuaristas que fizeram sua história muitas ligadas ao partido monarquista.

Vejamos:

“A Constituição de Júlio de Castilhos foi promulgada em nome da família, da pátria e da humanidade, estabelecendo normas de defesa do proletariado, como aposentadoria aos trabalhadores a serviço do Estado. Estas mesmas leis seriam implantadas no Brasil somente em 1934, graças ao interesse de Getúlio Vargas e de seu colaborador Lindolfo Collor, castilhista ardoroso.

¹⁹ <http://www.dominiopublico.gov.br/download/video/me000812.mp4> (Acessado em 16/04/2022)

²⁰ Resumidamente Positivismo é uma doutrina filosófica criada por August Comte, o “pai” das Ciências Sociais, sendo também responsável pela historiografia positivista.

Essa Constituição legislava, ainda, sobre a forma de governo presidencialista, possibilitando a reeleição e a escolha do vice-presidente pelo presidente”²¹.

Cabe aqui ressaltar novamente para os que não tem intimidade com a história do RS na República Velha que Júlio de Castilhos foi um fervoroso discípulo da doutrina filosófica positivista de Augusto Comte a qual resumidamente é entendida como; uma forma de governar que englobava os campos da política e da ciência, defendendo que tal teoria serviria para a ascensão e progresso da sociedade civil. A ordenação e o avanço das ciências experimentais seriam responsáveis pelo desenvolvimento social da humanidade. Não é de se estender o assunto, porem nossa bandeira nacional, é latente em seu lema o ideal positivista: “O Amor por princípio, a Ordem por base e o Progresso por fim”, sendo resumida restaram as palavras “Ordem e Progresso”. Isso a nível nacional, por que os poderes dos presidentes ou governadores dos estados eram maiores que o poder central. Era de se esperar que iria bater de frente com os interesses dos latifundiários pecuaristas que no período Imperial gozavam de prestígio, desse modo era só questão de tempo para um enfrentamento aberto com a Oligarquia, não demorando muito esse enfrentamento tomou contornos reais e fizera protagonizar a primeira Revolta das tantas que tivemos na República Velha: a Revolução Federalista, “parteira” da Revolta de 1923.

O processo histórico e antropológico que desencadeia uma nova revolta trinta anos após a Revolução Federalista e a faz homens pegar em armas novamente estava já “plantado”, porem não é o único, pois só se revela na parte pessoal das Oligarquias, ou seja, o ódio perpetrado com as atrocidades cometidas na revolta anterior²². O sucessor de Júlio de Castilhos já em 1898 foi Borges de Medeiros e este mesmo não sendo tão carismático como seu mentor era o que mais fidelidade lhe dava, com isso deu continuidade o modo de governar. Na primeira eleição pós-morte de Castilhos (1903) já se prepara uma oposição ao seu governo que se dá entre 1904/1907 quando Fernando Abott funda com Assis Brasil, (será visto melhor essa figura logo mais) o Partido Democrático Rio-grandense, porem tal oposição não ofereceu perigo ao líder máximo do PRR e do estado sendo derrotada facilmente. Se traçar um paralelo vinte anos após aquele primeiro embrião da oposição tomava corpo, porem necessitava de mais alguns aspectos e não apenas os políticos e pessoais da oligarquia pecuarista gaúcha, sendo que nas eleições de 1922 haviam outros fatores, como o econômico já que o estado passava por uma grave crise pós-guerra. (ANTONACCI, 1979). A conjuntura

²¹ <http://www2.al.rs.gov.br/memorial/ARep%C3%BAblicaConstitui%C3%A7%C3%A3oEstadualde1891/tabid/3466/language/pt-BR/Default.aspx> Acessado em 16/04/2022.

²² Aqui se refere a Revolta de 1893/95

política da República Velha na década de 20 que não era mais algo comum, a sociedade que havia se tornado mais complexa (VIZENTINI, 1992) e “ainda o velho ódio e rancor dos antigos Federalistas de 1893” (VALERÃO, 2021). O governo Borges de Medeiros no início do séc. XX teve vantagens, pois vários setores da economia tiveram progresso, principalmente as regiões coloniais e inclusive o setor agropecuário, ao qual a política Borgista conseguiu cooptar parte deste (PESAVENTO, 1980). O curioso que sempre houve resistência a essas mudanças nas regiões do estado que era intimamente ligada a pecuária; fronteira e zona sul. Estas regiões sempre viam de olhos desconfiados o governo estadual.

Como citado, o fator econômico, qual geralmente desencadeia revoltas foi um dos que mais contribuiu para a nova revolta em 1923, vejamos:

Com a Primeira Guerra Mundial as carnes do RS [...] tiveram mercado garantido. Abriu-se na época uma euforia econômica para a pecuária gaúcha. Os pecuaristas rio-grandenses aproveitando-se da facilidade de crédito proveniente da expansão dos mercados investiram nas unidades de produção introduzindo uma série de melhorias. Esses esforços aumentaram em certo sentido a qualidade e quantidade dos rebanhos Rio-grandenses aumentando em consequência o preço dos campos e dos produtos pecuários.²³

Nesse ponto vê-se que houve um aumento das linhas de crédito com o final da Primeira Guerra Mundial, isto é, já na década de 20 há um esfriamento econômico e com isso a cobrança das dívidas;

[...] as divergências não teriam se aprofundado tanto se nesse momento não comessem a interferir fatores. Já se faziam sentir os efeitos a situação pós-guerra aquela verdadeira euforia econômica, sucedeu uma paralisação brusca, proveniente da retração dos mercados consumidores europeus a partir de fins da década de 1910. Justamente no período em que ia realizar-se a lucratividade dos investimentos feitos na produção gaúcha, ocorreu a retração dos mercados intensificando a concorrência externa com a região do Prata e as concorrências internas com São Paulo Minas Gerais Mato Grosso e outros estados.²⁴

Ou seja, os investimentos do setor pecuário com a guerra tiveram de ser financiados, ao fim da guerra não teriam mercado para venderem e conseqüentemente seria nesse momento que teria o início da lucratividade, houve uma retração comercial da Europa e os

²³ Referencia de pesquisa do autor: ANTONACCI, Maria Antonieta. RS, as oposições & a revolução de 1923. Porto Alegre: Mercado aberto, 1981. (p. 232)

²⁴ Referencia de pesquisa do autor: ANTONACCI, Maria Antonieta. RS, as oposições & a revolução de 1923. Porto Alegre: Mercado aberto, 1981. (p. 232-233)

bens que foram dados como garantia ficam hipotecados. Se vê isso com o principal banco estadual que era o banco Pelotense cobrando os títulos de crédito e eram cobrados de várias formas “Segundo Antonacci, em 1922, o Banco Pelotense (extinto em 1928, por uma dessas consequências) era dono de cerca de 50 mil reses que estavam em estâncias arrendadas na região da fronteira”. (ANTONACCI, p. 232)

Através disso veremos o outro fator, o modelo Coronelista de governar já não se adequava aos anos 20, mostrando o enfraquecimento daquele modelo de política que era baseada no socorro do estado/país as Oligarquias quando essas necessitavam de apoio:

“a crise econômica não constitui a um fenômeno isolado na convulsionada década de 20 no Brasil estava intimamente relacionada com as transformações da sociedade da época. A crise político-institucional, associada a esse movimento, era bem mais explícita. O sistema político da República Velha mostrava-se incapaz de absorver os novos segmentos sociais que surgiram; também as divergências entre as oligarquias periféricas e as centrais, aliadas a marginalização política dos militares pelos sucessivos governos civis, representavam sempre o surgimento das crises conjunturais que refletiam também num problema estrutural de um regime político elitista e extremamente concentrador de poder”²⁵.(VIZENTINI, p 19)

Vimos que a tríade que se apoiava a República Velha não mais daria sustento a esta, e conseqüentemente no RS não haveria muito que fazer, já que notamos o poder de Borges de Medeiros era estendido a toda sociedade, não que as oligarquias o deixassem de apoiar, só estas haviam sido multiplicadas em vários setores e não só a pecuarista.

A tríade citada é a grande propriedade cafeeira e de criação; a economia primário-exportadora e o controle do poder pela oligarquia rural, (VIZENTINI, p. 22). Só que aqui no Rio Grande do Sul era algo bem mais complexo, já como citado tínhamos um tipo de governo que não daria ênfase a um grupo específico da sociedade. Sendo esse grupo os grandes latifundiários pecuaristas, aos quais sempre detinha o poder em suas mãos. Se pensarmos de uma forma um pouco mais ampla veremos que em 1893 a revolução foi feita através da conturbada transição entre monarquia e república, já a revolta de 23 seria uma forma de eliminar os últimos vestígios de um modelo de governo ao qual ainda tinha como sua característica o Coronelismo do século XIX.

Para a oposição política esse período turbulento era a chance de ouro, pois o cenário era diferente daquele de 1904, já citado. Só precisariam de alguém que unificasse a oposição e entra em cena a figura de Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938), diplomata e

²⁵ Referencia de pesquisa do autor: (VIZENTINI, Paulo Fagundes. A crise dos anos 20; p. 19)

estadista, com uma oratória impecável, o modelo de um intelectual do início do séc. XX. Ele na época não interveio diretamente na famigerada “Revolução das Degolas”, logo, era o homem ideal para unir os grupos que não apoiavam Borges de Medeiros por até então ter tido uma certa neutralidade. Então, foi o concorrente que liderou a Aliança Libertadora nas eleições de 1922. O interessante de Assis Brasil é que foi um dos fundadores do PRR no estado em 1882 e vinha da geração de intelectuais que fizeram a famosa Faculdade de Direito de São Paulo, da mesma turma de Júlio de Castilhos, e um dos que defenderam o modelo republicano no país fervorosamente, era amigo de Castilhos até o momento que este centralizou o poder e fez Assis Brasil se afastar. Justo que no chamado governicho²⁶ em 1892 ele já havia de amigo se tornado opositor de Júlio de Castilhos e logo, opositor de Borges de Medeiros.

O ano de 1922 foi marcado pelas eleições para presidente do RS e presidente do Brasil, logo teremos o embate nas urnas de duas figuras que protagonizariam no campo político uma expressão usada até hoje e outra pouco conhecida no meio popular. Também duas expressões que são utilizadas conforme uma linguagem mais histórica. A expressão conhecida era “Chimango” nome depreciativo dado aos partidários de Borges de Medeiros, e que tratamos aqui sua origem, já na linguagem histórica eram os Legalistas, ou seja, os que defendiam a legalidade das eleições e do governo. A outra expressão depreciativa está contida principalmente nas fontes de época, jornais como “A Federação” órgão do governo ou por escritores como Artur Ferreira Filho, por coincidência foi secretário no Governo Borgista ou então uma fonte única da época “O álbum dos Bandoleiros”, conjunto de fotos pró-revoltosos e que já cita o nome depreciativo: Bandoleiros, no sentido mais histórico chamamos de Libertadores, já que vinham seus partidários da Aliança Libertadora coligação que apoiou Assis Brasil. Dentre as expressões dadas a Revolta de 1923, uma também se destaca; A Revolta Assisista de 23.

²⁶ Referencia de pesquisa do autor:

O governicho para ter uma explicação não muito profunda, já que não é o intuito de tal trabalho é resumidamente o seguinte verbete; uma junta presidencial no estado com sede em Bagé, que durou de 12 á 19/11/1892 onde essa junta política foi elaborada por que o clima de instabilidade política com a tentativa de golpe de Deodoro da Fonseca em 03/11/1892 favoreceu os opositores de Júlio de Castilhos. Porém, que de início não se manifestou, mas no dia 12 de novembro acabou por declarar a favor de Deodoro e por isso mesmo foi obrigado a renunciar, instalou então essa junta de governo que ficou conhecida como “governicho”, uma alcunha depreciativa dada pel o próprio Castilhos e era constituída pelo general Manuel Luís da Rocha Osório, Joaquim Francisco de Assis Brasil, João de Barros Cassal, e presidida pelo general Domingos Barreto Leite. Adaptado do site; <http://cp.doc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEITE,%20Domingos%20Barreto.pdf>



(Figura 03): Joaquim Francisco de Assis Brasil



(Figura 04): Antônio Augusto Borges de Medeiros

Acima, as imagens dos candidatos de 1922 onde, os partidários de Assis Brasil eram chamados de Libertadores, Assisistas ou pejorativamente bandoleiros e os partidários de Borges de Medeiros eram chamados de legalistas, Borgistas ou pejorativamente de chimangos. Desse modo ao apresentar ambos concorrentes iremos tratar das eleições daquele ano e posteriormente o estopim da Revolta:

“As eleições transcorreram no clima de tensão e violência, sendo ambos os lados acusados de fraude. Houve alguns incidentes sérios em algumas cidades interior. Borges de Medeiros recusa aceitar a atuação de um tribunal arbitral para apurar as eleições, proposto pela oposição, [...] A máquina eleitoral republicana funcionou, ainda que em várias localidades tivesse de se recorrer a violência. Borges de Medeiros é apontado vencedor nas eleições com 3/4 dos votos um processo contra Borges de Medeiros é aberto por Assis Brasil tentando impugnar sua reeleição. Alega a inconstitucionalidade da mesma, tanto na ótica da constituição federal como na própria constituição estadual. A certeza da utilização de fraude pelo PRR no sentido de obter uma maioria, que, segundo os cálculos oposicionistas, não existia levou os Maragatos²⁷ a pegar em armas no dia da posse de Borges de Medeiros. Borges de Medeiros conseguiu mobilizar 3500 soldados bem equipados da brigada militar e 8500 homens dos corpos de provisório, enquanto a oposição reunia aproximadamente 6000 homens mal-armados os Assisistas não podendo afrontar diretamente as forças do governo estadual (o governo federal e o exército mantiveram-se neutros) mantinham operações móveis semelhantes a revolução federalista 30 anos antes. Objetivo era prolongar o conflito e desgastar Borges politicamente enquanto Assis Brasil tentava obter no Rio de Janeiro a intervenção federal. Para controlar a fronteira sul onde a

²⁷ O contexto deveria pelo correto chamar de Assisistas ou Bandoleiros, termo pejorativo este último assim como chamados de Chimangos.

oposição era mais forte o governo estadual chegou a contratar mercenários e caudilhos uruguaiois, o quê ao lado de alguns episódios da degola voltaram a lembrar a revolução de 1893. (VIZENTINI, P. 28-29)

Quando foi lido a parte mercenário de repente veio a confluência entre memória e história a qual é citada na introdução do trabalho. Porem aqui se vê que já no dia da posse de Borges de Medeiros, em 25/03/1923, se iniciou oficialmente a Revolta de 1923, durando 11 meses até o dia 14/12/1923, quando um enviado do governo federal o general Setembrino de Carvalho, assinou depois de mais de um mês de negociações a ata pacificadora qual continha em sua primeira clausula; “Reforma do artigo 9º da Constituição “prohibindo” a reeleição do presidente para o período presidencial de imediato” (CARVALHO, 1923. p. 30),

Manteve-se a caligrafia original, pois a fonte é original de 1923. Nesse sentido os revoltosos conseguiram em parte aquilo que almejavam originalmente a intervenção federal, já que Borges de Medeiros foi contra o presidente eleito Artur Bernardes apoiando seu concorrente e isso dava enfase aos revoltosos; a deposição ou enfraquecimento politico de Borges de Medeiros, algo conseguido em parte, já que a partir daquele momento foi seu ultimo mandato como presidente do Estado, só seu poder politico continuou dando margem a outras revoltas menores entre 1924²⁸ e 1926.

²⁸ Uma das mais expressivas foi a Coluna Prestes que saiu originalmente de Santo Ângelo, Luiz Carlos Prestes. Porem aqui foi isolada no contexto estadual. Outras envolveram Zeca Netto em 1925 e também Honório Lemes em 1926 e protagonizaram apenas o dialogo histórico entre Honório e Flores da Cunha quando este foi entregar sua espada para Flores e o general lhe disse: “guarde sua espada general, estamos entre iguais”, sendo rebatido por Honório: “sou um tropeiro, grosso e analfabeto o senhor é um Dr., nunca seremos iguais”. A mistura da memória com a história.

3 O COMBATE DO PASSO DO MENDONÇA ATRAVÉS DAS FONTES HISTÓRICAS.

Antes de entrar no contexto do tema pesquisado será salientado uma característica da Revolta de 1923 a qual foi diferente às demais revoltas do estado em relação a sua mobilização. Uma vez visto que nesta revolta não havia um comando central ou estado maior conforme Arthur Ferreira Filho cita:

A formação das unidades revolucionárias, como sempre tem acontecido, com exceção da guerra dos farrapos e da revolução de 30 foi, em 1923, totalmente irregular. Os postos militares que correspondiam, em regra, a importância política e social de cada um, não tinham limitação de número [...] (FERREIRA FILHO, 1973, p. 14)

Desse modo os principais líderes se organizam de forma que cada um deles tinha sua região específica para combaterem as forças legalistas sob a égide da Brigada Militar e de seus corpos de provisórios.

O exército revolucionário formou-se em quatro divisões, a 1ª Divisão Libertador agiu na Serra ao mando do Gal. Felipe Nery Portinho, a 2ª foi comandada pelo Gal. Honório Lemes e teve como campo de operações a fronteira entre os rios Uruguai e Quarai a 3 agiu na fronteira e centro do estado com Estácio Azambuja, Zeca Netto com seus gaúchos de Camaquã, “Cangussú”²⁹, Piratini, São Lourenço, Tapes, Encruzilhada e Pelotas formou a 4ª divisão. (Entrevista de Zeca Netto em 24/04/1948 para a Revista O Globo; Repórteres Luiz Carlos Barbosa Lessa e Flávio Damm)³⁰

Partindo dessa premissa, na região centro-sul e sul do estado se encontrava a 4ª Divisão Libertadora sob o comando de Zeca Netto. Suas manobras pela região citada começaram cerca de um mês após o levante dado no noroeste do estado por Mena Barreto, Leonel Rocha e Felipe Portinho que atacaram as cidades de Carazinho, Palmeira das Missões e Passo Fundo.

O histórico município de Camaquã que se tem suas origens no século XVIII como sendo caminho dos indígenas das Missões de São Francisco de Bórgia (CIBILS, p.223), logo, foi um dos primeiros redutos em que houve as doações de sesmarias de terras na planície costeira da Laguna dos Patos para os portugueses a partir de 1790³¹. Foi palco de combates na

²⁹ Grafia da época

³⁰Referencia de pesquisa do autor: Acervo do Museu da Brigada Militar. Endereço: Rua dos Andradas, 498 - Centro, Porto Alegre/RS.

³¹Referencia de pesquisa do autor: Carta da sesmaria do Carmo, doada a José Felipe de Alencastre <https://digitalq.ahu.arquivos.pt/details?id=>

guerra dos Farrapos em 1835 e na Revolta de 1893, e no ano citado tinha como divisas geográficas: ao oeste a Serra do Sudeste fazendo divisa com o município de São Jerônimo, ao norte se dividia naturalmente pelo arroio Velhaco com o município de Dores do Camaquã atual Sentinela do Sul e Tapes ao leste margem direita da Laguna dos Patos e ao sul tinha divisas naturais com São Lourenço do Sul, Canguçu e Encruzilhada do Sul pelo Rio Camaquã e Arroio Sútíl.

Eis aqui um pequeno relato para se situar geograficamente onde se iniciou a Revolta de 1923 na região sul e centro sul do estado, local que morava o Coronel José Antônio de Mattos Souza Netto e possuía cerca de catorze mil hectares³². Conforme em suas reminiscências citou o começo da revolta:

“... reunimos entre doze homens no dia 28/02/1923, em minha casa e articulamos o plano para iniciarmos o movimento revolucionário, no dia seguinte éramos já 200 homens e tendo mais adesão a toda hora. Demos início a um combate com o Sr. Donário Lopes de Almeida e tomamos a cidade de Camaquã...”. (p. 66)³³



(Figura 05): Saindo da cidade de Camaquã as forças de Zeca Netto em março de 1923³⁴

1193006

³² Referencia de pesquisa do autor: CIBILS, Luís Alberto. (p. 226)

³³ Referencia de pesquisa do autor: FRANCO, Sérgio da Costa.

Memórias do General Zeca Netto. Editora Martins Livreiro, 1ª Ed. 1983.

³⁴ Figuras 5 e 6 Cedidas pelo Núcleo de Pesquisas Históricas de Camaquã

Camaquã, 09/08/1923 - Estado Maior do Gal. José Antônio Netto, Comandante em Chefe do 4º Corpo do Exército Libertador



Em pé da esquerda para a direita Mauricio Luz, Dr. Simões Lopes Filho e João Oxeley. Sentados Cel. Christovão Andrade, Gal. Zeca Netto, Boaventura Luiz Pereira e o Dr. Dario Crespo.

(Figura 06) Zeca Netto e seu estado maior.

Foram em busca de novas adesões e a armamentos, invadindo cidades que ofereciam pouca ou nenhuma resistência. Chegaram em Canguçu e a tomaram onde houve uma adesão em massa sob o comando do Coronel João Paulo Prestes. Veterano da Guerra do Paraguai e da Revolta Federalista de 1893 era influente político da região. Após Canguçu a coluna rumou em direção a Piratini, sempre seguindo rotas para despistar a Brigada Militar e como dito evitar um confronto direto.

O fortúnio inicial dos levantes revolucionários fez com a Brigada Militar se mobilizasse através de seus oficiais de carreira e também de seus corpos de provisórios partidários de Borges de Medeiros. Como citado por Amanda Siqueira:

Houve grande rapidez na organização dos Corpos Provisórios, o que caracterizou a importante ação destes grupos ao apoiarem a BM em todas as ações que esta empregou em defesa do Partido Republicano e sua sustentabilidade no poder. Os Provisórios representavam na totalidade um número bastante superior de integrantes, do que a própria força efetiva da Brigada Militar [...] (p.81)³⁵ Nesse ínterim confirma-se também o uso de mercenários uruguaios aos quais como citei tenho estreita relação “As tropas legalistas tiveram a incorporação de mercenários uruguaios [...]”. Assim como uma geração de novos políticos que dariam a abertura para

³⁵Referencia de pesquisa do autor: SILVA, Amanda Siqueira da et al. História da Brigada Militar, Revista Pindorama. 2013.

posteriormente serem reconhecidos nacionalmente: Veremos neste momento uma nova geração de políticos do Partido Republicano atuando juntamente com as forças bélicas, sendo eles Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Firmino Paim Filho, Getúlio Vargas, entre outros. Getúlio esteve à frente do 7º Corpo Provisório.³⁶

Na região ficou com o encargo de combater a coluna de Zeca Netto o Coronel de carreira Juvêncio Maximiliano Lemos “que durante a Revolta de 1923, foi comandante e organizador da 2ª Brigada Provisória do Oeste e, logo a seguir transferido com o seu Estado-Maior para a 3ª Brigada Provisória do Sul” (BENTO, Cláudio, M. 2003)³⁷. Seu estado maior era composto pelos tenentes coronéis: Francelísio Gonçalves Meireles, José Lucas Martins e Hipólito Ribeiro Filho (VALERÃO, p.89), sendo Francelísio Meireles natural de Encruzilhada do Sul, Hipólito Ribeiro de Canguçu e José Lucas Martins³⁸ de Bagé, assim como o próprio Juvêncio Lemos era natural de Canguçu.



(Figura 07) Coronel Juvêncio Maximiliano Lemos³⁹

A coluna de Zeca Netto no decorrer de todo ano de 1923 cruzou aproximadamente dez cidades da região sul e centro-sul: Camaquã, São Lourenço do Sul, Canguçu, Piratini, Pinheiro Machado, Dolores do Camaquã, São Jerônimo, Encruzilhada do Sul, Bagé e Caçapava do Sul, Pelotas parte de Rio Grande e Jaguarão. Toda essa manobra era para forçar a intervenção do Governo Federal e também para evitar um combate direto com as forças de Juvêncio Lemos.

³⁶Referencia de pesquisa do autor: SIQUEIRA, Amanda (2013, p. 82).

³⁷[http://www.ahimtb.org.br/CORONEL%20JUV%20C3%8ANCIO%20MAXIMIANO%20LEMONS%20\(2\).pdf](http://www.ahimtb.org.br/CORONEL%20JUV%20C3%8ANCIO%20MAXIMIANO%20LEMONS%20(2).pdf)

³⁸ Encontrei escassos documentos referentes a este que é uma das figuras principais acerca do tema. Apenas em registros indiretos, sabemos que foi estancieiro em Bagé e teve contendas judiciais em relação a episódios de violência política contra adversários no ano de 1913.

³⁹<http://www.ahimtb.org.br/CORONEL%20JUV%20C3%8ANCIO%20MAXIMIANO%20LEMONS%20%282%29.pdf> pesquisado em 17/04/2022

Conforme Amanda Siqueira e Joseph Love citam:

[...] uma vez que os revolucionários não tinham o aparato bélico das forças legalistas, não se envolviam diretamente em conflitos [...] entretanto a mobilização de doze mil homens comprovou a superioridade bélica republicana. Este fato foi bastante significativo para desmobilizar qualquer intento de intervenção do governo federal, já que a superioridade bélica da Brigada, assim como treinamento de seus integrantes, eram sabidamente superiores ao Exército⁴⁰

Ao todo, a 4^a Divisão Libertadora se envolveu com a 3^a Brigada provisória em quatro combates diretos, além de algumas escaramuças⁴¹. O tema de pesquisa do trabalho, que foi o primeiro combate no Passo do Mendonça na divisa⁴² de São Lourenço do Sul e Camaquã, o de Canguçu Velho, nos arredores da cidade de Canguçu, na Serra dos Veledas em Pinheiro Machado e do Cerro Agudo em Piratini. Sua maior façanha foi a tomada de Pelotas em 24/10/1923.

Nesse ponto estamos conhecendo um pouco dos personagens históricos, das regiões que cruzaram e do por quê a Revolta de 1923 não foi tão gloriosa como citam alguns dos afeiçoados em história. A diferença entre historiador/pesquisador do reprodutor/repetidor do passado, é usar uma interpretação do momento histórico, sem glorificar o lado A ou B. Usando primeiramente uma localização geográfica/espacial para melhor compreender o passado e suas consequências.

A coluna de Zeca Netto usava como base de operações a movimentação rápida pela Serra dos Tape, uma forma generalizada para se referir a Serra da encosta da laguna do Patos e escudo sul-rio-grandense. Se movia nas mais diversas direções para despistar as forças legalistas, criando uma forma de “terror” aos que não compactuavam com o levante ou eram partidários de Borges de Medeiros. Vejamos que logo após as forças de Zeca Netto saírem de Camaquã arregimentaram em Canguçu mais adeptos a revolta e voluntários e seguem a Piratini, Encruzilhada e novamente à Camaquã em direção ao “segundo ataque a Canguçu, passando pelo Passo da Mariazinha ou Passo do Bom Será onde há uma pequena escaramuça com um piquete de Francelísio Meirelles” (COELHO⁴³. Ano. (?)⁴⁴ p. 03), chegando uma

⁴⁰Referencia de pesquisa do autor: (LOVE, p.123, in: SIQUEIRA, p.82).

⁴¹ Na linguagem militar da época escaramuça era um confronto entre algumas dezenas de homens de curta duração geralmente envolvendo só cavalaria, combate já era formado a partir de um confronto mais direto e duradouro e batalha compunha mais de uma divisão das forças, como cavalaria e infantaria ou Marinha.

⁴² Em 1923 a divisa era entre os dois municípios, hoje é a cidade de Cristal.

⁴³ Marlene Barbosa Coelho, Historiadora de Canguçu, infelizmente não se tem uma biografia mais completa sob

segunda vez em Canguçu. Com essas manobras o próprio Cel. Juvêncio Lemos sai de Pelotas com uma considerável força de 400 homens equipados e armados para surpreenderem os rebeldes chegando tarde. Esses já haviam partido novamente em direção a São Jerônimo, era o mês de abril de 1923. Cruzaram por São Jerônimo em direção a Dores do Camaquã conhecida também por vila das Dores, naquele trajeto entre São Jerônimo e Dores na localidade do arroio Araçá, houve um diálogo bem curioso e histórico, já que naquele local houve uma escaramuça na “Revolução Farroupilha” quando o tio de Zeca Netto, o General Netto foi vencido por Francisco Pedro de Abreu. Logo muitos carregavam certas superstições sobre o local. Zeca Netto cita em suas reminiscências tal fato:

[...] aqui nessas coxilhas foi derrotado o Gal. Netto em 1835, quem sabe não vai acontecer o mesmo com esse outro Gal. Netto? O oficial a que o Coronel Brizolara fez a profecia veio contar-me, depois de ouvi-lo. Disse-lhe eu: não tenho receio que isso aconteça comigo, por que não abandono a força e não sou bailarino como meu tio, que foi derrotado por estar bailando. (p.68)⁴⁵

Pernoitaram em Dores do Camaquã e no dia seguinte partiram para São João Batista do Camaquã⁴⁶, onde viram a cerca de três léguas⁴⁷, as forças de Juvêncio Lemos no seu encalço. A 4ª divisão Libertadora como era chamada, já contava com cerca de mil homens. Embora mal-armados, como era início da revolta, estavam ainda com o fulgor do momento. As forças legalistas da 3ª Divisão da Brigada provisória tinham um plano, evitar que as forças de Zeca Netto cruzassem o Rio Camaquã novamente, então se dividiram em três: No Passo da Mariazinha ficaria o 4º corpo de provisórios de Encruzilhada do Sul sob o comando do Coronel Francelísio Meireles, no arroio da Sapata ou Sapato um piquete do Capitão Antoninho Soares, no Passo da Pacheca, onde o rio quase desagua na Laguna, ficaria um pelotão de Pelotas e no Passo do Mendonça estaria a força que desembarcou no porto de São Lourenço do Sul sob o comando do Ten. Cel. José Lucas Martins. Assim transcrito pelo Cabo

re tal pessoa. Sua contribuição a história de Canguçu lhe rendeu postumamente o nome da Casa de Cultura da cidade assim como títulos póstumos também. Era formada em História pela UCPel.

⁴⁴ O documento se encontra no museu em Canguçu, porém é um manuscrito que foi transcrito pela pesquisadora Marlene Barbosa Coelho e não contem o ano da transcrição, apenas data original de que foi escrito citado como e stá na fonte: Acantonamento em Cangussu, 1923.

⁴⁵Referencia de pesquisa do autor: FRANCO, Sérgio da Costa. Memórias do General Zeca Netto. Editora Martins Livreiro, 1ª Ed. 1983.

⁴⁶ Nome original do atual município de Camaquã

⁴⁷ Antes da unificação francesa de unidades métricas ser adotada popularmente havia medidas usadas e Portugal e trazidas ao Brasil, logo em locais distantes dos grandes centros ainda mantinham as medidas antigas. Três léguas variavam de 2 até 7 km, não sendo precisa.

José Cardozo.⁴⁸

Essa fonte rara e precisa sobre a mobilização das forças legalistas é a que melhor deu um panorama de tal combate, sendo transcrita na forma original da época. Nota-se o ano sendo colocado apenas os três últimos algarismos.

14 de abril de 923 sábado: chegamos no vapor Piratini diretamente de São Jerônimo pela laguna dos patos em direção a cidade de São Lourenço. Soubemos que Zeca neto iria se dirigir ao Rio Camaquã por um dos passos desse rio e o Tenente Coronel resolveu interceptá-lo.

15 de abril de 923 domingo: partimos de São Lourenço em direção ao Mendonça, no passo do criminoso em Santa Isabel pernoitamos de 14 para 15 do mês corrente, acampando no Evaristo a tarde do dia 15.

16 de abril de 923, segunda: [...]vimos um piquete na praia oposta e o tenente Lucas Martins mandou dois homens atacarem este piquete sendo alvejados estes dois dos nossos e um vindo a falecer. O cabo Ulbaldo sendo inhumado⁴⁹ no cemitério do Mendonça a tarde desse dia 16 de abril, ao guarnecerem todos os passos do Camaquã: Cito, Passo da Mariazinha pelas forças de Francelísio Meirelles, passo do Sapato pelo piquete de Antoninho Soares e Picada da Sanga Escura outro piquete e o último o Passo da Pacheca pelo pelotão de Pelotas. [...]⁵⁰

Zeca Netto estava ciente das intenções da emboscada legalista, então preparou uma rota a qual iria atacar pela retaguarda a parte mais fraca, e esta parte era justamente o 1º Regimento da Brigada Militar comandado por José Lucas Martins ao qual por diversas fontes⁵¹ citam ser composto por 72 homens, estando localizada entre o Passo do Mendonça e Passo do Evaristo.

⁴⁸ Referência de pesquisa do autor:

Diário de campo do 1º Regimento da Brigada Militar em perseguição as tropas de Zeca Netto, "Revolução de 1923", caixa MPP-007 da Bibliotheca Pública Pelotense.

⁴⁹ sepultado

⁵⁰ Referência de pesquisa do autor:

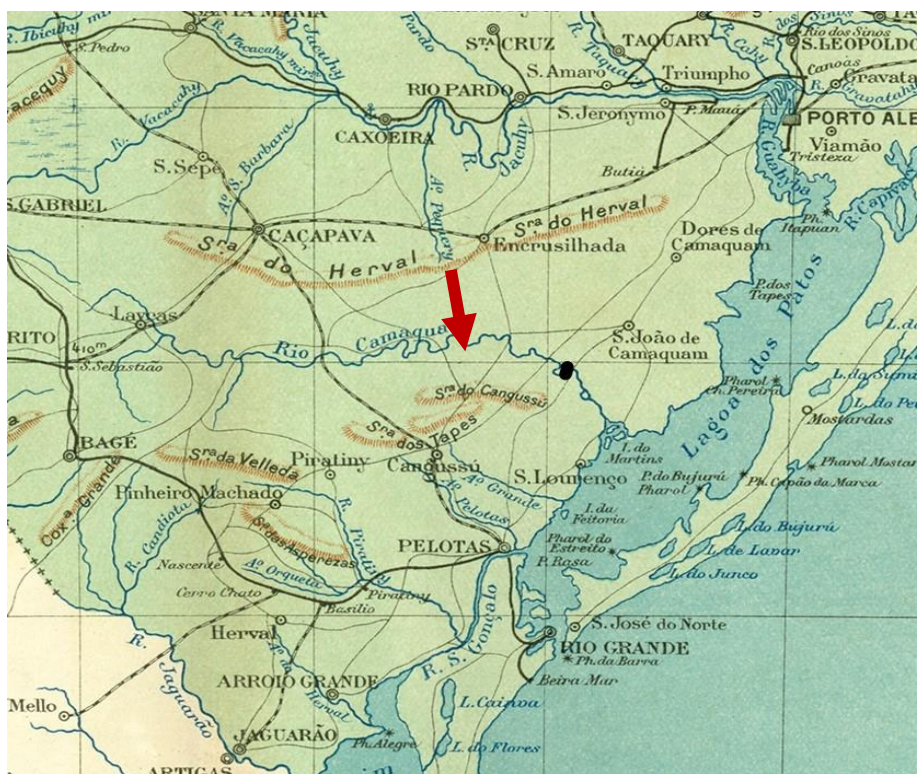
Diário de campo do 1º Regimento da Brigada Militar em perseguição as tropas de Zeca Netto, "Revolução de 1923", caixa MPP-007 da Bibliotheca Pública Pelotense.

⁵¹ Referência de pesquisa do autor:

Diário do 1º Regimento da Brigada Militar localizado na Bibliotheca Publica Pelotense. Pesquisa de Marlene Barbosa Coelho registrada no Museu Capitão Henrique José Barbosa na cidade de Canguçu, periódico Jornal Correio do Sul entrevista de 1973 com o major Hamilton Andrade Leão e diário de campo do 4º Exército Libertador redigido por Zeca Netto e está nas páginas 270 e 271 do livro CIBILS, Luís Alberto. Tapes, Camaquã, Guaíba e Barra do Ribeiro: contribuição para o estudo do Rio Grande do Sul. Editora Tipografia, 1959



(figura 08) Mapa atual de onde se localizava as forças de José Lucas Martins, (seta preta) e onde estacionaram as forças de Zeca Netto na várzea do arroio Evaristo (seta branca) ao sul direção Pelotas, à norte direção Porto Alegre. Google Earth.



(Figura 09) Mapa do Rio Grande Do Sul em 1923 e da região do Combate⁵²

Através dessa tática a coluna de Zeca Netto que poderia ser digna de filme, na segunda feira do dia 16 de abril de 1923 enviou pelo leste alguns soldados que puseram fogo no campo

⁵² <http://www.brasil-turismo.com/rio-grande-sul/mapas/mapa-antigo.htm> Pesquisado em 17/04/2022.

e cruzaram a “Sanga Escura” a cerca de 3 km de onde estava acampado Lucas Martins, de modo que este não conseguisse ver a coluna revolucionária ou a quantidade de soldados que esta tinha envoltos pela fumaça da queimada. Atravessaram o Rio Camaquã, contornaram o acampamento inimigo, cruzaram o arroio Evaristo e acamparam na várzea que ficava a cerca de um km do acampamento inimigo.

Conforme citado do diário de campo e transcrito do livro do autor:

Na segunda feira, 16/04/1923, os Legalistas viram uma fumaça, ao longe, na margem oposta do Rio Camaquã, e deduziram que os Libertadores estavam pondo fogo no campo para dificultar a visão das manobras deles, para se aproximar do Rio e “varar” até a outra margem. Lucas Martins mandou que fizessem fogo com rajadas curtas de fuzil para afugentar os revoltosos, supondo que não haviam chegado ao local, a “picada da sanga escura”. Um erro! Zeca Netto já se encontrava nas barrancas do Rio, com sua coluna de aproximadamente mil homens. (VALERÃO, p. 107)⁵³



(Figura 10): Mapa desenhado a mão pelo acadêmico Marcelo Valerão, de acordo com a tática de ataque as forças legalistas.

⁵³ Referência de pesquisa do autor:

VALERÃO, Marcelo. Libertadores e legalistas: A história do combate do passo do Mendonça da revolta de 1923. RJ: Letras e Versos, 2021.

Zeca Netto, em suas reminiscências lembra que antes do enfrentamento:

Chamei os oficiais e disse-lhes: “se não quiserem brigar marcharemos ao passo do arroio Evaristo junto à serra e se quiserem brigar marcharemos para o passo debaixo de Evaristo junto ao qual está acampado o coronel Lucas Martins” dizem os oficiais “queremos brigar já andamos aborrecidos de marchar sem encontrar inimigos”, “pois bem então as três da madrugada marcharemos ao encontro das forças do coronel Lucas Martins”.⁵⁴

Partiram ao ataque as duas horas da madrugada, conforme fontes da época, sendo que algumas divergem da hora exata, durando este ataque até às dez da manhã (portando 8 h.) fizeram um ataque envolvendo as forças Legalistas que se entrincheiraram em uma casa de comércio a qual foi demolida na década de 2000. Não foi um confronto direto e sim investidas que tinham por princípio a rendição dos legalistas e não exatamente sua derrota.

O então alferes Hamilton Andrade Leão⁵⁵, em uma entrevista de 1973 cita a abordagem.

[...] Lucas Martins, fez o reduto de resistência uma grande casa Branca onde existia um armazém estendeu linhas de atiradores ao redor da casa numa distância de 100 metros enfrentou os revolucionários que os acoçavam⁵⁶. Trava-se o combate até amanhecer, quando o coronel Zeca Netto mandou suspender o fogo enviou um Piquete com a bandeira branca. Pretendia parlamentar para estabelecer as condições de rendição da força legal o alferes Hamilton de Andrade Leão vinda aproximação do Piquete, foi ao encontro é uma distância de 80 metros perguntou o que pretendem vocês? A resposta foram tiros dados por homens do Piquete jogando-se ao chão o tenente deixou o livre o campo de tiro e seus homens com a descarga desbarataram o Piquete. Reiniciava-se combate e muitos revolucionários vieram a cair junta as linhas. Zeca Netto vendo o sacrifício de seus homens mandou fechar o cerco e preparar a cavalaria para fazer uma carga frontal. Eram 10 horas da manhã e aquelas 8 horas de combate esgotavam a munição do 1º Corpo, era crítica a situação dos Legalistas que aos poucos recuavam para o próximo a casa a fim de evitar envolvimento. Viram então a cavalaria se movimentar em disposição de carga e compreendendo o ataque desta resolveram vender caro suas vidas já que estavam perdidos. A cavalaria estava a 500 metros de distância com gritos dos libertadores episódio que deixava as forças legalistas desesperadas, o ataque da cavalaria ia envolver como uma capa o entorno da casa Branca.⁵⁷

⁵⁴ Referência de pesquisa do autor: FRANCO, Sérgio da Costa. Memórias do General Zeca Netto. Editora Martins Livreiro, 1ª Ed. 1983.p. 68.

⁵⁵ irmão do Major Aldrovando Andrade Leão ao qual tombou morto na invasão de Pelotas em outubro do mesmo ano no feito mais importante da coluna de Zeca Netto, que foi a tomada de Pelotas.

⁵⁶ atacavam

⁵⁷ Referência de pesquisa do autor:

Entrevista feita pelo jornalista Lourival Petit Sobral no ano de 1973 com o major Hamilton Andrade Leão, na época alferes das forças de José Lucas Martins e registrada no Museu e Arquivo Municipal da cidade de São Lourenço do Sul, periódico Jornal Correio do Sul.

O diário de campo do 1º Corpo de provisórios da Brigada Militar também cita o ataque: “Subscrevo que, ao ver a formação de poderosa cavalaria rebelde em posição de ataque, o oficial coronel José Lucas Martins mandou que nenhum dos soldados abandonasse seus postos custe o que custar. Diário do dia 17/04/1923, Coluna Provisória da Brigada Militar⁵⁸.”

Zeca Netto em suas reminiscências, sendo uma das principais bibliografias sobre o Combate cita como foi a tática:

Nesse momento marchava ao meu lado o coronel Cristóvão Gomes de Andrade que prestava atenção a ação do tenente coronel Manoel Dias e ouvindo a descarga me diz: coitado do tenente Manoel Dias, caiu em alguma emboscada. Mas felizmente foi o contrário do que aconteceu Manoel Dias é que surpreendeu o inimigo. Antoninho Netto atacava o reduto inimigo pelo lado oeste, Manuel Dias pela parte leste, Herculano Dutra pela parte Noroeste, é a coluna ocupava parte sul fronteira do reduto desde a hora da madrugada até às 11 horas da manhã era atacada a força de Lucas Martins,⁵⁹

Conforme citado, as investidas duraram cerca de 8h. das duas da madrugada as dez da manhã o estado maior dos Libertadores (revolucionários) estavam decididos a dominar a resistência Legalista. Uma ação isolada por parte das forças sob o comando do Canguçuense João Paulo Prestes tentou parlamentar com o grupo cercado e esse momento houve um dos poucos registros que confluem nas entrevistas, fontes e bibliografias acerca do Combate do Passo do Mendonça.

Citado na ordem do dia de Zeca Netto:

Cinco dos nossos mortos foram vítimas da própria bravura, quando, as mãos armadas procuraram galgar as trincheiras do reduto no morro das Pedras comandados pelo heróico coronel João Paulo Prestes, que caiu fulminado por três balaços, quando intimava o inimigo a render-se. Acampamento em Canguçu estância do coronel Francisco M. Matos em 23 de abril de 1923. Assinado José Antônio Neto. General. (p. 279)⁶⁰

⁵⁸ Referencia de pesquisa do autor:

Diário de campo do 1º Regimento da Brigada Militar em perseguição as tropas de Zeca Netto, "Revolução de 1923", caixa MPP-007 da Bibliotheca Pública Pelotense.

⁵⁹ Referencia de pesquisa do autor: FRANCO, Sérgio da

Costa. Memórias do General Zeca Netto. Editora Martins Livreiro, 1ª Ed. 1983.p. 68.

⁶⁰ Referencia de pesquisa do autor:

CIBILS, Luís Alberto. Tapes, Camaquã, Guaíba e Barra do Ribeiro: contribuição para o estudo do Rio Grande do Sul. Editora Tipografia, 1959.

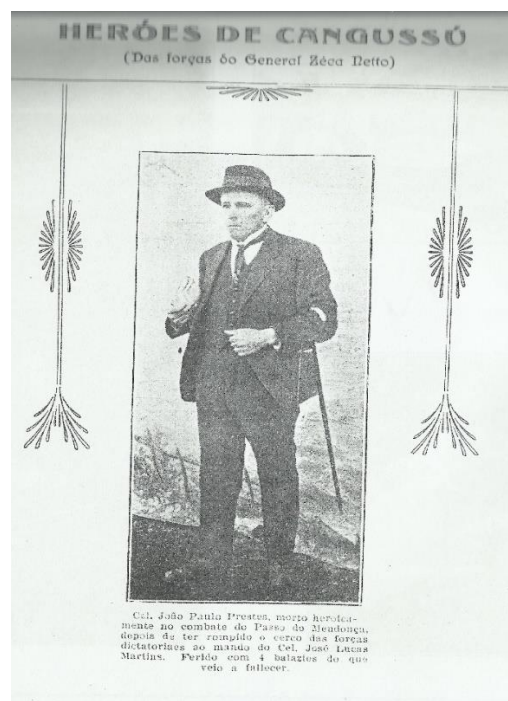
Também citado pelo Diário do 1º Corpo de Provisórios:

17 de abril de 1923, tarde de terça-feira; conferenciaram os Coronéis Juvêncio Maximiliano Lemos e José Lucas Martins sobre a contagem de mortos, sendo um total de 32 cadáveres do inimigo que por ordem foram inhumados em vala comum, sabe-se que entre os mortos dos bandoleiros estava o Cel. João Paulo Prestes, alvejado pelos nossos. Subscrive a ordem do dia.

Quando davam por iminente a derrota do outro lado do rio Camaquã, onde hoje se localiza a cidade do Cristal chegam as forças do Coronel Juvêncio Lemos, com 400 soldados e três metralhadoras, que perseguia a coluna de Zeca Netto desde São Jerônimo. Pela margem do mesmo rio chega a Força de Francelísio Meireles a qual guarnecia o Passo da Mariazinha e ouviu os disparos a distância.

no exato momento em que foi dada a ordem de ataque frontal e final à coluna de Manoel Dias avistou de longe, na margem oposta do Rio, um carro e vários cavalarianos, juntamente com a infantaria. Era o coronel Juvêncio Maximiliano Lemos com 400 soldados, bem armados, que seguiam a coluna revolucionária de Zeca Netto, desde São Jerônimo. A força de Francelísio Meireles, que aguardavam no passo do Bom Será, escutou as cargas de bala vindas do Mendonça. Um grupo foi destacado e seguiu para apoiar as forças de Lucas Martins. Juvêncio Lemos, ao avistar a casa branca, do outro lado, se assustou com tamanha fumaça. O clima ainda não era favorável, pois chovia muito. Mesmo assim, Juvêncio mandou que o corneteiro tocasse o silvo de avançar e de metralhadoras a postos. Isso fez com que as forças de Lucas Martins os avistassem e dessem sinal de que estavam sitiadas. Zeca Netto, ao ser informado da mudança brusca, mandou levantar acampamento e seguir em direção a Canguçu [...] (p. 112)⁶¹

⁶¹ Referência de pesquisa do autor: Valerão, Marcelo. Libertadores e Legalistas: a história do Combate do passo do Mendonça da revolta de 1923. RJ: Letras e Versos, 2021



(Figura 11): Coronel João Paulo Prestes⁶²

Texto citado abaixo da imagem com grafia da época: Coronel João Paulo Prestes morto heroicamente no combate do Passo do Mendonça depois de ter rompido o cerco das forças ditatoreaes ao mando do coronel José Lucas Martins ferido com quatro balázios do que veio a falecer.⁶³

Conforme relato citado as forças legalistas sob o comando de Juvêncio Lemos estavam no encalço de Zeca Netto, só haviam descansado a cavallhada e ao ouvirem tiros não sabiam exatamente quem era amigo ou inimigo já que havia uma forte chuva com “serração” (neblina).

[...] Comandou pessoalmente, em 17 de abril, as forças que socorreram o esquadrão do 1º Corpo da sua Brigada, em guarnição no Passo do Mendonça, atacado por poderosa Coluna Revolucionária. Nessa ocasião, Juvêncio dá ordens para que seu corneteiro fosse dando, continuamente, o sinal de 1º Corpo, sentido. Ao ouvir o sinal de que lhes estava chegando socorro, os defensores do Passo redobram com grande vigor dos contra-ataques, e em pouco inimigo fogia⁶⁴.

⁶² Referencia de pesquisa do autor: Álbum dos Bandoleiros, Revista Kodac, 1924.

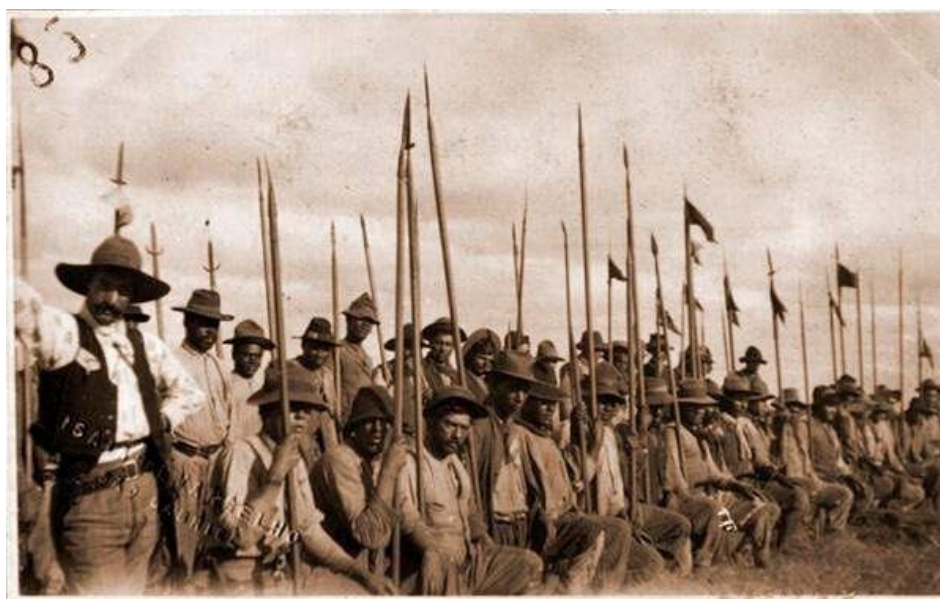
⁶³ Referencia de pesquisa do autor: Álbum dos Bandoleiros, Revista Kodac, 1924.

⁶⁴ <http://www.abcdaseguranca.org.br/cel-juvencio-maximiliano-de-lemos-patrono-do-2o-rpr-mont/>

Citado também no diário de campo da 1ª Brigada provisória sob o comando de José Lucas Martins.

“[...] cumpre-se destacar que todo o contingente que estava sob o comando de Zeca Netto foi desmantelado e logo retiraram-se desordenadamente rumo a Canguçu[...] segue em nota oficial a contagem de corpos, vinte e oito mortos do inimigo e três dos nossos [...] José Lucas Martins, Tenente Coronel do 1º Corpo Provisório da 3ª Brigada Militar 18/04/1923.”

Foi salva a guarnição do Passo do Mendonça por acaso do destino, poucos dos 72 soldados pereceram no ataque de uma força bem maior, entre 800 a 1000 homens, mesmo mal-armados com lanças feitas de tesouras de esquila, adagas, algumas espadas e escassas armas. Sendo um desses motivos que há uma alcunha para Revolta de 1923: “a lança contra a metralhadora”.



(Figura: 12) Grupo de lanceiros rebeldes (libertadores) em 1923⁶⁵

⁶⁵ Referencia de pesquisa do autor: Google imagem.

3.1 AS MEMÓRIAS DO COMBATE DO PASSO DO MENDONÇA.

Com o passar dos tempos acabei por fazer uma revisão nas anotações e vídeos que tenho dos entrevistados e que fizeram parte de minhas pesquisas ao longo de seis anos⁶⁶ para a obra a qual cito e faz parte das fontes do presente trabalho. Constatei tristemente que dos 25 entrevistados, apenas 4 ainda estão entre nós logo, isso deixa claro o quanto a memória e a história são unidas, e a partir disso revela o quão a História Oral é importante principalmente dentro das pequenas cidades onde todos formam uma comunidade a qual por laços de amizade que transpõem gerações ou parentesco, mantem viva a memória coletiva.

Muito antes de iniciar a graduação, houve aqui em minha cidade um projeto pioneiro em História Oral, intitulado “Memória Oral do Cristal” de 2005 e produzido pela biblioteca pública municipal Luís Carlos Barbosa Lessa, nome este dado a nossa biblioteca em homenagem ao jornalista que viveu⁶⁷ seus últimos anos na cidade vizinha que é Camaquã. E este projeto ao qual buscou resgatar através de entrevistas com pessoas idosas me auxiliou muito na elaboração do tema pesquisado, já que fazia parte da tradição local contarem histórias sobre tal acontecido.

Nas entrevistas feitas para a pesquisa foi utilizada a metodologia conhecida História Oral Temática. Também, utilizado na abordagem dos entrevistados o nome de Zeca Netto, usando de expressões as quais reavivavam suas memórias. Logo, vinham contos e lembranças dos termos que eram mais familiares aos entrevistados, com diversos nomes que se lembravam: “das forças do Zeca Netto”, “Combate na casa branca” e também “combate no Mendonça”.

Abrindo aqui os relatos sobre o Combate do Passo do Mendonça faço uma homenagem com a primeira transcrição sendo da única testemunha ocular do Combate que na época tinha dez anos, o senhor Júlio Dornelles⁶⁸ nascido em 1913, sua família sendo moradora a cerca de 1 km da Casa Branca reduto de defesa das forças de Lucas Martins.

“Então a força do Zeca Netto brigou no Mendonça, com outra força, não me lembro bem quem era a outra força “carmou” o tiroteio e meu pai de criação disse: “amunta no pitiço e vai lá ver se não morreu ninguém da casa”. Muntei no pitiço e me fui lá, cheguei e no terreiro até umas duas quadras longe da casa só via gente morta, uma barbaridade aquilo [...] a força do Zeca Netto foi rumo a Canguçu passaram lá em casa e os do lenço branco atrais dele.” (grafia original na transcrição conforme está nas gravações).

⁶⁶ De 2012 á 2018

⁶⁷ <https://www.camaqua.rs.gov.br/portal/turismo/0/9/2116/sitio-agua-grande---fundacao-barbosa-lessa>

⁶⁸ Referencia de pesquisa do autor:

Projeto Memória Oral de Cristal, acervo da Biblioteca Pública Luiz Carlos Barbosa Lessa, Cristal. Em 2005.

Aqui se nota uma questão bem interessante, cor do lenço. Em entrevista com Érlon Jacques, guardião e apóstolo do templo positivista de Porto Alegre o verde é associado ao positivismo e muito usado pelos revoltosos para se contrapor ao governo, já que o vermelho foi muito difundido na Revolta de 1893. Já do outro lado a característica era o lenço branco usado no uniforme da brigada militar e pelos adeptos do Borgismo.

O advogado Lúcio Newton Prestes nascido (1929)⁶⁹, sobrinho de João Paulo Prestes e filho do também advogado Walter Oliveira Prestes todos da cidade de Canguçu contou na entrevista que seu pai e tio lutaram no Combate. Citou sobre o dia e isso através do relato do Coronel Juvêncio Lemos⁷⁰ é confirmado por suas anotações: “Meu pai contava que era um dia muito feio, serração misturada com uma garoa fina. Morreu muita gente [...]”

O senhor Renê Martins (1925) comerciante do Passo do Mendonça, nascido e criado também perto do local e também sobrinho do dono da “casa branca” contou em sua entrevista: “Cargas de fuzil eram ouvidas em todos os lados, os moradores das redondezas se recolheram, se chavearam em suas casas e esperaram aquele inferno passar.”

Acerca da estratégia usada por Zeca Netto foi lembrada pelo senhor José Pereira (1940), “Zé Barrocada”, como é conhecido na cidade de Cristal. tinha histórias do seu sogro João Antônio de Vargas uma figura folclórica na região aos quais o chamavam de “Malaquia”⁷¹ nascido em 1884 e falecido em 1981, que se escondeu nos matos do rio Camaquã e acompanhou de longe o combate:

Aquela “revolução” não é do meu tempo, “mais” o meu sogro o “seu Malaquia” contou que o falecido Zeca Netto conhecia tudo aqui na volta, então, para os contrários dele não verem a chegada das tropa, mandou dois campeiros de um lado e dois do outro irem botando fogo “nuns macegão” e no meio da fumaça, vinham às tropa despistando os contrários.

Sobre a morte do Coronel João Paulo Prestes separei três relatos interessantes com informações parecidas a fonte primária que foi a entrevista com o então major Hamilton Andrade Leão.

O senhor Pedro Viégas de Carvalho conhecido como “Candoca” e um dos mais

⁶⁹ Data de nascimento dos entrevistados

⁷⁰ <http://www.abcdaseguranca.org.br/cel-juvencio-maximiliano-de-lemos-patrono-do-2o-rpr-mont/>

⁷¹ Meu conhecimento particular sobre este senhor vem de minha família, era um dos tropeiros de meu avô e que meu pai chamava respeitosamente de “mano Malaquia”, e conta com uma lagoa batizada em seu nome.

longevos entrevistados, contando com mais de cem anos, (nascido em 1920) pertence à família que era dona das terras onde ocorreu o combate e teve muitas histórias de sua família relatadas sobre tal feito:

“O Paulo Prestes seguiu com cinco afilhado seus em direção aos “contrário” e levou uma descarga de bala pela paleta do cavalo foi se agarrando até voltar aos seus [...] não aguento os tiros. Os afilhado “morrero” também.

Já o senhor José Pereira, que foi citado acima, nos conta algo mais próximo da fonte sobre tal acontecido:

“O João Paulo Preste era “duma” família rica lá em Canguçu estava com um pala branco, “abanava” de um lado a outro a todo galope em seu cavalo e aquele pala enrolado no braço. Correu umas “três” ou quatro “vez” de um lado pro outro na última volta que fez só o cavalo “volto”.

O senhor Lorí Carvalho (1939), da mesma família Carvalho já citada contou a seguinte versão:

“O Paulo Prestes, de Canguçu, da família rica daquela cidade. Avançou com os capangas para cima do Zé Lucas e quando estava perto da casa correu uma descarga forte de bala acertando ele. Um dos seus botou o corpo na garupa do cavalo e tocou em direção ao acampamento do Zeca Netto.”

Algo bem interessante ocorreu em duas visitas feitas a casa do senhor Lorí, com excelente memória foi o único a mencionar o Ten. Cel. José Lucas Martins nas entrevistas, todos outros entrevistados não haviam feito isso.

O senhor Juca (José) Corvello (1924) o qual morou na famosa “casa branca” relatou que ainda tinham buracos de balas nas paredes, mesmo morando cerca de 50 anos após o combate e através dos seus filhos consegui algumas raras fotos desta casa.



(Figura:13): foto da "Casa Branca"; cedida gentilmente pela família do senhor José Corvello.

Sobre as sepulturas dos mortos é algo que alguns entrevistados mantinham em sua memória um respeito enorme aos que ali tomaram. O senhor Rene Martins contava que era comum cuidarem das sepulturas: “Meu pai, meus tios, eu “capináva” as covas dos mortos na revolução. Muitos e muitos anos depois, ainda mantínhamos esse sistema.”

As covas dos mortos se encontravam em três locais, eram valas comuns, poucos foram aqueles que retiraram os restos mortais de seus familiares. Por fontes dos entrevistados, cerca de apenas três corpos foram exumados e levados para cidade de Camaquã, no total de 32 corpos encontrados e mais alguns que por forças do momento foram “achados” após algum tempo, totalizando por fontes orais 37 mortos. Cito, é claro, os combatentes revolucionários pobres. Já os que tinham posses como era o caso do Coronel João Prestes, tido como um “mártir” através das propagandas que apoiavam Assis Brasil, foram translados para cemitérios municipais de suas cidades.

Cito aqui um desses cadáveres perdidos conforme relato de outro longevo senhor de 103 anos, Manoel Boeira, também familiar direto dos que lutaram nessa revolta. Este senhor tinha um irmão que foi provisório junto das forças de Francelísio Meirelles:

“A estrada que cruzava o Mendonça, uns dia depois da guerra, o pessoal passava por lá e sentia um fedor forte de carniça. Foram ver e, num mato de Japecanga, acharam um corpo, já se desmanchando, de um homem. Pelo que me contava meu “ermão”, o pobre levou um tiro e não morreu na hora, foi se escondendo e acabou morrendo preso naquele espinho.”

Sobre seu irmão relatou;

“Meu “ermão” luto no lado do “Francisco” Meireles (Francelísio), eles se acamparam esperando o Zeca Netto “passa” pelo Bom Será, mas ele desceu Camaquã abaixo e foi passar lá no Mendonça. Então o coronel “Francisco” foi costeando o rio pra ajudar na guerra. E meu irmão foi junto. Uma pena foi machucado numa perna com um tiro do inimigo e voltou pras casa.

Nas terras da família Carvalho haviam duas valas comuns e o senhor Lori Carvalho também testemunhou aquilo que ele quando jovem junto de sua família faziam, em época de Finados: “Por muitos anos nós ia lá, o finado papai cercou o “cimintério” e no dia dos finado levava “nois” pra “capina” as sepulturas.”

Com isso ele explicou uma lenda surgida com o passar do tempo e que se incorporou na tradição local; “Os antigos quando dava uma seca forte, eles aguava as sepultura e não passava dois dias, chovia. Era a crença dos antigos.”

Outras histórias envolvendo o Combate do Passo do Mendonça, juntamente com a

coluna de Zeca Netto e de seus perseguidores Legalistas, merecem estar aqui relatadas, principalmente quando se concretizava a tática deste, que era a da surpresa. Os moradores de lugares que a coluna passava ou que corria boatos que ela iria passar ficavam aterrorizados, uma vez que se fossem contrários a causa destes tinham seus pertences, animais e cavalos requisitados, isso era de ambos lados os Legalistas também tiravam daqueles que nada tinham a ver com o levante.

Como citou o senhor Ney Paz Pereira e o senhor José Pereira, sem relação de parentesco entre ambos:

“Os cavalos, de quem não era do governo, tinham que ser escondidos, então meu padrinho mandou atar os cavalos no mato e também ficavam por lá até que as forças saíssem dos campos.”

“Na época da “revolução”, o ‘seu’ Malaquia, meu sogro, disse que, ao verem as forças revoltosas do Zeca Netto, se esconderam no mato do Camaquã e ficaram dois dias até que se desenrolasse a briga.”

Aos que tinham de receber as forças revolucionárias em suas casas e campos viviam amedrontados a senhora Ibraina, nascida nos redutos quilombolas de São Lourenço do Sul (Canta Galo) e infelizmente sem documentos sobre sua real idade, por que foi criada pela família Crespo, latifundiários desta região como uma serviçal sendo paga com comida e moradia. Era algo comum após a abolição da escravatura e posteriormente comum as numerosas famílias do interior que “davam” seus filhos para outras pessoas abastadas criarem com a alcunha de afilhados. Sendo na realidade servos, sem grande mudança de sua condição anterior a escravidão. Enfim, dona Ibraina na entrevista mostrava uma alegria contagiante, fazendo de “contos” tidos como tristes uma diversão ao lembra-los. Na entrevista gravada em 2005, onde tive acesso, contaram seus familiares que já tinha cem anos ou mais por suas histórias envolvendo momentos marcantes contava sobre os acampamentos dos revolucionários como o do coronel Manoel Dias que era junto das forças de Zeca Netto:

A soldadama acampo todos de barraca, cada um tinha a sua. E veio o Manuel Dias, home que eu tinha medo, não podia ir no galinheiro pegar uma galinha. A ‘véia’ ia junto comigo. Tinha medo de perder a ‘negrinha’ (risos). Ficava tempos na volta das ‘casa’, a gente pra fazer comida pros ‘maioral’ e o resto carneava a rês na frente do dono sem ele falar nada[...] levavam criança junto do piquete que nem força tinham com o fuzil.

Também tivemos relatos de certas cenas curiosas, como a do senhor Paulo Régio Braunner (1935) de São Lourenço. Este senhor sobrinho de João Batista Braunner⁷² que foi prefeito da cidade na década de 50, contou que seu tio era das forças legalistas, desse modo quando as forças de Zeca Netto acamparam nas terras da família causou espanto.

“Através de uma notícia que o Zeca Netto viria para cá, meu pai se escondeu nos matos do arroio São Lourenço e ficou em casa somente as mulheres. Com elas, um empregado, que se tardou, e não conseguiu acompanhar os homens para se esconder. Minha família era partidária do Borges e tínhamos medo de represálias. Logo, o mulato foi no arvoredo colher laranja e os revoltosos chegaram. Com isso, ele subiu numa laranjeira e ficou por lá. Como o piquete sobre as ordens de Herculano Dutra, capitão da coluna de Zeca Netto, iria pernoitar na propriedade, causou pânico entre as moradoras. Porém, foram todas respeitadas, e o mulato, para bem de conseguir comida, uma das empregadas levava algo para ele escondido no avental, disfarçando que iria tratar os animais e, ao perceber que os soldados não estavam olhando, ela alcançava um saco com pão, carne e café, atirando para cima das laranjeiras e o empregado aí pegando.”

Também cenas de que nem todos eram acometidos pela barbárie que foi a revolta de 1893, a senhora Loiva Valerão (1935) contou essa história:

“O Hermes, meu irmão, nasceu em 1922, estava de colo da minha mãe quando chegou aqui em casa um grupo de revolucionário, queriam comida e erva, ainda mais sabiam que meu pai estava lutando do lado do governo. Um desses homens disse assim. ‘Não levem ninguém, não estão vendo que a mulher está com criança de colo, vamos dar meia volta e achamos eles no outro lado do Camaquã’

Ou quando se tinha de ceder cavalos as forças legalistas sendo contrários, eis uma fonte a qual se cita “cavalos para os bundas” em alusão as tropas Legalistas, já para os Libertadores se citava “as forças libertadoras do Rio Grande”.

⁷²Em 1939 atuou como médico em São Lourenço do Sul, sendo também eleito prefeito daquela cidade em 1955.

“De certa forma, eu sou fruto direto da revolução, porque meu pai era aqui de Canguçu e nas andanças junto com a força revolucionária do Zeca Netto, conheceu minha mãe que era de Camaquã, e se casou, posteriormente vindo nascer uma prole, onde eu sou um desses filhos da revolução.”



(Figura 15) Foto original de bandoleiros, (revoltosos) na cidade de Camaquã

A foto acima, é datada de 20-11-1923 sendo cortesia da família do senhor Moacyr Mattos (1928), filho de Tarsílio Mattos, que lutou junto de Zeca Netto. No verso da foto se lê o seguinte:

“Camaquã, 20-11-1923

Prezada mãe, Saudades e felicidades desejo a todos os nossos, que nós graças a Deus estamos bem. A paz ao meu ver e do próprio general (Zeca Netto) está próxima perto e com nossa vitória. Segue os cavaleros: (1) Valdemar (2) Dejalma (3) major Hérci Lucas (4) Coronel Boaventura (5) Major Alvin Dias (6) major Alteçor (7) Tarcílio (8) Zeca.

Dentro em breve dias estaremos de volta definitivamente e com as consciências tranqüilas de ter libertado o nosso querido berço. Com carinho e benção seu filho Tarcílio”.

Portanto, as entrevistas e relatos contribuíram para uma outra perspectiva mais local, sobre um tema que é a Revolta de 1923. E com isso, possibilitou enriquecer a vasta bibliografia acerca dessa revolta. Foi localizada temporalmente em algumas horas o amago da pesquisa. O dia 17 de abril de 1923, no combate do Passo do Mendonça, marcando para sempre á memória coletiva dos que ali estiveram envolvidos, atravessando gerações seus contos e proezas sobre tal episódio importante para a região e pouco conhecido

historiograficamente. Como outras fontes, a memória possui também as suas singularidades e lembranças, construindo uma narrativa que de certa forma preenche lacunas em textos de pesquisas acadêmicas, trazendo maior compreensão através do passado para o presente da nossa região sul e centro-sul, do Rio Grande do Sul.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou pesquisar um dos tantos combates que ocorreram durante os onze meses que durou a Revolta de 1923, quando forças opostas pegaram em armas novamente no Rio Grande do Sul causando uma ruptura entre os partidários de Borges de Medeiros e os partidários de Assis Brasil. O tema pesquisado não buscou apenas repetir um acontecimento, mas sim problematizar traçando um paralelo entre a história e a memória, utilizando a metodologia da História Oral através de entrevistas com aqueles que direta ou indiretamente tiveram suas vidas impactadas pelo referido combate, sendo essas lembranças transmitidas por gerações na região.

Utilizando aqui uma escrita literária acerca da memória e da história, ambas sendo comparadas metafóricamente a memória é como uma cortina a qual quando é movida com uma leve brisa ilumina o ambiente de forma curiosa, não se conhecendo realmente o seu interior. Já a história é como uma janela pesada aberta bruscamente para iluminar o ambiente e revelar seu interior. Essas duas metáforas condizem o que é memória e história e interpretando-as concluo o trabalho. A memória deve ser garimpada de forma cuidadosa, já que os homens são frutos do seu tempo conforme é citado na escola do Annales. Portanto, quando usamos a história oral devemos ter uma metodologia muito séria, já que abordamos aspectos de determinado tempo com pessoas que de certa forma o viveram e com isso, se não for um trabalho de pesquisa muito árduo, o objeto pesquisado terá sua interpretação afetada por essas emoções e detalhes comuns a nós humanos. Por isso a história, historiografia é citada, como “uma pesada janela”, o historiador se municia com fontes, bibliografias, viagens, pesquisas intermináveis e mais dúvidas que certezas, uma vez que se não delimitarmos muito bem o tema ou o objeto de pesquisa iremos nos perder no decorrer do caminho. Uma questão leva a uma pergunta que é remetida a outra e buscamos mais fontes para estarmos alicerçados na pesquisa e nesse ponto se gera um leque infindável de interpretações e reinterpretações. Afetando também o desenvolvimento do trabalho, com a história Oral é mais simples conhecer o passado e traçar uma pesquisa que será melhor interpretada por ser simplista não problematizada.

Surgindo exatamente o ponto ao qual foi citado no referido trabalho a confluência entre memória e história, pois uma complementa a outra com relatos que testemunharam tal fato. É uma característica comum a memória, enfatizar ou dramatizar certos aspectos, que um livro de história não haveria essa troca de emoções, por esse e outros motivos que a história oral é uma forma historiográfica de pesquisa, que as pessoas são agentes de um momento histórico, podendo ser corroborado ou podendo ser desconstruído através da historiografia tradicional. Logo, o historiador ter em mãos vídeos, fotos, entrevistas e conversas informais com esses agentes de outros tempos, irá ser o guardião de novas fontes para que novas gerações de historiadores ao buscar o entendimento e interpretação do passado tenham muito mais formas de entender esse passado.

Este trabalho é uma homenagem a memória dos entrevistados que não estão mais junto de nós e aos poucos que resistem ao tempo tendo mais de um século de vida. Infelizmente não coloquei aqui as 25 entrevistas. Para não fugir do tema, foram usadas apenas aquelas que traçariam um paralelo entre a historiografia, o tema abordado e a interpretação oral daqueles que tiveram contato direto ou indireto sobre tal fato. Ficando meu muito obrigado a estes senhores e senhoras de um tempo hoje conhecido apenas na lembrança e nos trabalhos de pesquisa.

5 FONTES ORAIS.

Entrevistas com os senhores e senhoras:

Ibraina Centeno de Mattos, “dona Ina”, (in memoriam), nascida em (?). Projeto Memória Oral de Cristal, acervo da Biblioteca Pública Luiz Carlos Barbosa Lessa, Cristal/RS. Entrevista realizada em outubro de 2005 por Leandro Lopes e Maria Zeneida Camargo Duarte.

José Corvello “Juquinha” (in memoriam), nascido em 1924. Entrevista realizada em 15/12/2012 na cidade de Cristal. Acervo pessoal do autor, Marcelo Valerão. Entrevista realizada por Marcelo Valerão.

José Pereira “José Barrocada”, nascido em 1939. Entrevista realizada em 13/10/2013 na localidade do Passo do Mendonça, município de Cristal. Acervo pessoal do autor, Marcelo Valerão. Entrevista realizada por Marcelo Valerão e Bethiele Olson Valerão.

Júlio Dornelles, (in memoriam) nascido em 1913, Projeto Memória Oral de Cristal, acervo da Biblioteca Pública Luiz Carlos Barbosa Lessa, Cristal/RS. Entrevista realizada em outubro de 2005 por Leandro Lopes e Maria Zeneida Camargo Duarte.

Lori Feijó Carvalho, (in memoriam) nascido em 1940. Entrevista realizada em 15/10/2013 e

14/01/2014 na localidade do Passo do Mendonça, município de Cristal. Acervo pessoal do autor, Marcelo Valerão. Entrevista realizada por Marcelo Valerão e Bethiele Olson Valerão Loiva da Silva Valerão, (in memóriam), nascida em 1935. Entrevista realizada em Pelotas em 04/11/ 2015. Acervo pessoal do autor, Marcelo Valerão. Entrevista realizada por Marcelo Valerão.

Lúcio Newton Prestes, (in memoriam) nascido em 1929. Entrevista realizada em 15/01/2013 na cidade de Canguçu. Acervo pessoal do autor, Marcelo Valerão. Entrevista realizada por Marcelo Valerão e Bethiele Olson Valerão

Manoel Boeira, nascido em 1920. Entrevista realizada em 10/10/2013 na cidade de Camaquã. Acervo pessoal do autor, Marcelo Valerão. Entrevista realizada por Marcelo Valerão e Bethiele Olson Valerão

Ney Paz Pereira, (in memoriam), nascido em 1927. Entrevista realizada em 13/01/2013 no município de Canguçu. Acervo pessoal do autor, Marcelo Valerão. Entrevista realizada por Marcelo Valerão e Bethiele Olson Valerão

Paulo Régio Brauner, (in memóriam) nascido em 1938. Entrevista realizada em setembro de 2014 na cidade de São Lourenço do Sul. Acervo pessoal do autor, Marcelo Valerão. Entrevista realizada por Marcelo Valerão.

Pedro Viégas de Carvalho “Candoca”, nascido em 1920. Entrevista realizada em 05/09/2013 na cidade de Cristal. Acervo pessoal do autor, Marcelo Valerão. Entrevista realizada por Marcelo Valerão.

Rene Martins, (in memoriam), nascido em 1925. Projeto Memória Oral de Cristal, acervo da Biblioteca Pública Luiz Carlos Barbosa Lessa, Cristal/RS. Entrevista realizada em 2005. Entrevista realizada em setembro de 2005 por Leandro Lopes e Maria Zeneida Camargo Duarte.

6 FONTES PRIMÁRIAS:

Álbum dos Bandoleiros, Revista Kodac, 1924.

Diário de campo do 1º regimento da Brigada Militar em perseguição as tropas de Zeca Netto, e está localizado no fundo histórico "Movimentos e Partidos Políticos", série "Revolução de 1923", caixa MPP-007.

Diário de campanha da 4ª Divisão Libertadora, General José Antônio Mattos de Souza Netto. Jornal Correio do Sul; entrevista com Hamilton Andrade Leão, alferes das tropas governistas. in:??/1973. Acervo: Periódicos da Biblioteca Pública de São Lourenço do Sul.

Pesquisa da Professora Marlene Barbosa Coelho, in: A Revolução de 1923 em “Cangussú” data (?) Museu Capitão José Henrique Barbosa. Canguçu/RS

Revista “O Globo”, entrevista com José Antônio Netto. Edição de março de 1948. Jornalista Luiz Carlos Barbosa Lessa. Periódicos do Museu da Brigada Militar de Porto Alegre.

7 REFERÊNCIAS.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **RS, as oposições & a revolução de 1923**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1981.

JUVENAL, Amaro. **Antônio Chimango: poemeto campestre**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 1995. 5ª Ed.

BARROS, José D. Assunção. **História e memória—uma relação na confluência entre tempo e espaço**. Mousseion, v. 3, n. 5, p. 35-67, 2009.

CARVALHO, Marechal Setembrino de. **A pacificação do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1923.

CIBILS, Luís Alberto. **Tapes Camaquã, Guaíba e Barra do Ribeiro: contribuição para o estudo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Tipografia, 1959.

FAGUNDES, Antônio Augusto. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro: 1997.

FAUSTO, Boris; FAUSTO, Sérgio. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1994.

FERREIRA FILHO, Arthur. **Revolução de 1923**. Oficinas Gráficas do Departamento de Imprensa Oficial do Estado, 1973.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Nova Dimensão, 1997.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Memórias do General Zeca Netto**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1983.

GARCIA, Bruna da Silva. **Memória e História: uma discussão teórica**. In: **VII Congresso Internacional de História, outubro**. 2015. p. 1361-1371.2

GILL, Lorena Almeida; SILVA, Eduarda Borges da. Perspectivas para a história oral. **Metodologia em Ciências Sociais Hoje: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação**. 1ed. Jundiaí. Santa Catarina: Paco Editorial, v. 2, 2016.

PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**, v. 14, 1997.

SILVA, Ricardo Oliveira da. **Revolução, história e tempo**. Revista História: Debates e

Tendências, v. 15, n. 1, p. 252-268, 2015.

SILVA, Amanda Siqueira da et al. **História da Brigada Militar**, São Paulo: Revista Pindorama. 2013.

VALERÃO, Marcelo. **Libertadores e Legalistas: A História do Combate do Passo do Mendonça da Revolta de 1923**. 1ªEd. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2021

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. **A crise dos anos 20: conflitos e transição**. Rio Grande: Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande.